



Cristina Teixeira Marques Vieira da Silva

**Encontros, desencontros ou confrontos entre
gerações?
Um estudo sobre famílias com adolescentes na
contemporaneidade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de
Psicologia da PUC- Rio.

Orientadora: Andréa Seixas Magalhães

Rio de Janeiro
Janeiro de 2008



Cristina Teixeira Marques Vieira da Silva

**Encontros, desencontros ou confrontos
entre gerações? Um estudo sobre famílias
com adolescentes na contemporaneidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assina

Prof^ª. Andrea Seixas Magalhães
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^ª. Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^º. Edson Guimarães Saggese

Instituto de Psiquiatria - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ___/___/____.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Cristina Teixeira Marques Vieira da Silva

Graduou-se em Psicologia na PUC - Rio e especializou-se em Saúde Mental da Infância e Adolescência pelo IPUB/UFRJ em 2005 e em Família e Casal pela PUC - Rio em 2007. É psicóloga clínica e atua em seu consultório particular desde 2003.

Ficha Catalográfica

Silva, Cristina Teixeira Marques Vieira da

Encontros, desencontros ou confrontos entre gerações? Um estudo sobre famílias com adolescentes na contemporaneidade / Cristina Teixeira Marques Vieira da Silva ; orientadora: Andréa Seixas Magalhães. – 2008.
107 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Família com adolescentes. 3. Geração. 4. Transformação. 5. Contemporaneidade. I. Magalhães, Andréa Seixas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Andrea Seixas que se disponibilizou a construir comigo esse trabalho com atenção e dedicação.

Meu marido e companheiro, Vinicius Vieira, que esteve ao meu lado com amor, muita paciência, apoio e carinho ao longo dessa trabalhosa jornada.

Minha mãe, Heloisa Familiar Teixeira, que me ensinou e me ensina o sentido de família com todo amor.

Meu irmão Gustavo Marques e minha cunhada, Mariana Monteiro que mesmo, fisicamente distantes, sempre estão presentes em pensamento e no meu coração.

Meus avós Icléa e José que olham e torcem por mim onde quer que estejam.

Minha família extensa: meus tios Ary e Lúcia e primos-irmãos Júlia, João e Fábio, por comporem a família com bases sólidas e carinho mútuo.

Chirlen Vieira da Silva, minha sogra, pelo incentivo e carinho constantes.

Todos os meus queridos amigos, por fazerem parte da minha vida e por entenderem as minhas ausências.

Marcos Ponciano pelo acolhimento, cuidado e respeito que dedicou-se à revisão do meu texto.

Marcelina, Verinha, Mariana e todos os funcionários do departamento de psicologia que sempre me acolheram com carinho e bom humor.

Minhas queridas e novas amigas do mestrado da PUC-Rio: Suzana, Cecília, Ana Maria, Sandra, Vanessa, Priscila por dividirem as angústias, medos, inseguranças, mas também as grandes alegrias.

Aos queridos companheiros do IPUB/UFRJ com quem divido imensuráveis experiências de vida. Em especial, agradeço à Edson Saggese Sônia Beatriz Sodré, Joyce de Paula, Maria Aimée Ferraz e Christianne Dutra pela amizade e ajuda.

Às famílias entrevistadas, meus sinceros agradecimentos, sem a receptividade e boa vontade, esse trabalho não seria possível.

Aos meus clientes, que me ensinam a cada dia e me instigam a aprender cada vez mais.

Resumo

Silva, Cristina Teixeira Marques Vieira; Magalhães, Andrea Seixas. **Encontros, desencontros ou confrontos de gerações? Um estudo sobre famílias com adolescentes na contemporaneidade.** Rio de Janeiro, 2008. 107p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho focaliza a percepção dos pais sobre a adolescência dos filhos e analisa as ressonâncias entre as gerações, a partir do discurso das famílias com adolescentes. Para tal, elaboramos um levantamento bibliográfico e um estudo de campo sobre esta temática. A revisão bibliográfica refere-se às particularidades da família e da adolescência, desde a concepção das suas noções até as suas características atuais. Discutimos as influências do mundo contemporâneo nos modos de relação e de vinculação nas famílias com adolescentes, principalmente em uma grande cidade como o Rio de Janeiro. O estudo de campo foi realizado com entrevistas presenciais com sete casais com filhos adolescentes. Participaram das entrevistas ambos os membros do casal parental com idades entre 40 e 65 anos e com filhos de 15 a 21 anos. Tal estudo envolveu os seguintes temas: a definição de adolescência; os valores transmitidos geracionalmente; o diálogo, liberdade e controle; a tecnologia; o consumo, violência e drogas; relações de gênero e sexualidade; a família do adolescente; e as expectativas parentais.

Palavras-chave:

Família com adolescentes, geração, transformação, contemporaneidade.

Abstract

Silva, Cristina Teixeira Marques Vieira; Magalhães, Andrea Seixas. **Meet, failure to meet or confront of generations? A study about contemporary teenager's families.** Rio de Janeiro, 2008. 107p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this study is to investigate the parent's perception about their teenager's sons and analyze the resonances between generations. To get this objective, we carried out a bibliographic survey and a field study about this theme. The bibliography revision refers to family and teenagers theory and includes their notions since their conceptions until the contemporary characteristics. We discuss the influences of the contemporary world in the relation and bond manners in the teenager's family mainly in a big urban center as Rio de Janeiro. The field study was realized with seven teenager's couple parents. The interviews was characterized for to be present with both members and the ages of their sons are between 15 and 21 years old.

Keywords:

Teenager family, generation, transformations, contemporary.

Sumário

1-Introdução	10
2 - A família e os adolescentes: ontem e hoje	14
2.1– A noção de família e de adolescência: aspectos sócio-históricos	14
2.1.1 – As noções de adolescência, juventude e puberdade	17
2. 1. 2 – A complexidade da noção de família	21
2.2– A família com adolescentes hoje	26
3 - A Psicodinâmica da família com adolescentes	33
3.1 – Subjetividade e família	33
3.2 – A adolescência	40
3.3 – Família e identificação	43
3.4 - A relação pais e filhos no contexto atual	46
4 - Metodologia, análise e discussão dos dados	56
4.1 – Ouvindo as famílias com adolescentes	56
4.2 – Objetivos	56
4.3 - Participantes da pesquisa	57
4.4 – Procedimento de pesquisa e coleta de dados	59
4.5 – Análise das entrevistas e discussão dos resultados	60
4.5.1– Impacto dos entrevistados frente à situação de entrevista	60
4.5.2 - Impressões da entrevistadora frente à situação de entrevista	62
4.5.3 – Categorias de análise:	
1) Definição de adolescência na visão dos pais	64
2) Valores: Herança geracional	69
3) Diálogo, liberdade e controle	72
4) Tecnologia	76
5) Consumo, violência e drogas	78

6) Relações de gênero e sexualidade	80
7) A família do adolescente	81
8) Expectativas	85
5-Considerações finais	94
6 - Referências bibliográficas	101
7 – Anexo	107

Introdução

A partir da experiência do trabalho psicoterápico com adolescentes e suas famílias no Instituto de Psiquiatria da UFRJ e em meu consultório particular, questões acerca da visão dos pais sobre a adolescência dos filhos no mundo contemporâneo se impuseram para mim. Dedico-me à psicoterapia com adolescentes e suas famílias há 5 anos e foi, a partir dela, que se delineou a idéia dessa dissertação.

Referências às dificuldades de entendimento dos pais a respeito do comportamento dos filhos passaram a chamar minha atenção. A busca de explicações sobre o relacionamento entre pais e filhos, a educação dos mesmos na sociedade contemporânea, eram alguns dos objetivos familiares na procura do atendimento. Explicações que aliviassem os distintos sentimentos que acometiam a família, levando-a a procurar um tratamento psicológico especializado, passaram a ser observadas por mim com frequência. Desorientação, dúvidas e sentimentos de deriva eram descritos pelas famílias que procuravam atendimento.

O tempo histórico e os sentimentos, tanto da adolescência como da família, eram mencionados pelos pais, que demonstravam não saber o que fazer, nem como educar seus filhos no contexto atual. As comparações entre as gerações faziam parte das queixas familiares. Expressões como “não sei o que fazer... hoje é tudo muito diferente do meu tempo...” foram as questões deflagradoras que originaram este trabalho.

Comecei a me indagar sobre os motivos dos pais de adolescentes necessitarem da ajuda da terapia de família no mundo contemporâneo. Tal como afirma Costa (2004), amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobre-humano, mais precisamente, científico. Na família burguesa, os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. “Os especialistas estão sempre ao lado revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno”. (p. 15)

As queixas pertencentes aos pais não incomodavam somente a eles, mas também a quem as ouvia. Mobilizada por essas questões e para tentar compreender as famílias com adolescentes, mais especificamente, a visão dos pais sobre a adolescência de seus filhos no mundo contemporâneo, elaboramos esta dissertação.

As palavras confronto, desencontro e encontro ressoavam enquanto eu ouvia os pais se queixarem e o entendimento do que, de fato, poderia estar acontecendo entre gerações não tão distantes, mas tão diferentes, era o que instigava as minhas dúvidas. Questionei-me sobre o mundo contemporâneo. Agucei meus ouvidos para tentar ouvir e entender, através do discurso dos próprios pais, o motivo de sua desorientação, de suas dificuldades de relacionamento com os filhos em um mundo como o contemporâneo, com todas as suas mudanças, transformações e novas configurações, tanto familiares como individuais, relacionais e vinculares.

A partir deste percurso, aprofundando minhas questões, construímos essa dissertação, que tem como objetivo focalizar a percepção dos pais sobre a adolescência dos filhos e analisar as ressonâncias entre as gerações, a partir do discurso das famílias com adolescentes. Desse modo, tratamos das seguintes temáticas: as especificidades da família com adolescentes, as características da contemporaneidade e a relação entre elas.

É importante ressaltar que entendemos a família como um sistema aberto e dinâmico, caracterizado pelas interações, tanto dos membros que dela fazem parte quanto pelos valores da sociedade na qual se insere. Ela também é um lugar onde os vínculos, as relações, as tradições, as crenças e os costumes estão presentes e podem ser atualizados e ressignificados.

Procuramos organizar esta dissertação, com base nos objetivos propostos e, para isso, abordamos, no primeiro capítulo, o percurso sócio-histórico. Resgatamos a construção das noções de família, infância, adolescência e juventude. Levantamos as especificidades do mundo contemporâneo, suas particularidades e como ele influencia a família com adolescentes em um grande centro urbano, como é o caso do Rio de

Janeiro. Percebemos que os grandes avanços tecnológicos vêm transformando a vida da sociedade. Há, no contexto contemporâneo, dentre outras características, a exarcebção do individualismo e a ressignificação da tradição, o que interfere nas relações estabelecidas entre as gerações, principalmente quando abordamos a família com adolescentes.

No segundo capítulo, abordamos a psicodinâmica da família com adolescentes, ou seja, levantamos os aspectos da família e do adolescente no tocante à especificidade dessa fase do seu ciclo de vida. Abordamos os vínculos como alicerces das relações que constituem a subjetividade. Enfatizamos a importância dos processos identificatórios na constituição do sujeito, na fase adolescente e na complexa rede de relações que compreende essa família, em especial.

Levamos em conta as gerações que se relacionam e influenciam-se mutuamente. Quando nos referimos à família com adolescentes, abordamos particularidades importantes, pois ela evidencia as transformações contemporâneas, trazendo à tona diferentes modos de pensar, se relacionar e vincular-se.

Dedicamo-nos também à relação entre pais e filhos no mundo atual. Elucidamos algumas questões apontadas como importantes entre as gerações de pais e de filhos como constituintes da família e do ciclo vital na contemporaneidade. O individualismo, regente característica da contemporaneidade, a posição paterna, o trabalho, o consumo, o prolongamento da adolescência, dentre outros aspectos são elucidados.

O terceiro capítulo destina-se ao estudo de campo realizado com sete casais com filhos adolescentes de 15 a 21 anos. Por meio desse estudo, levantamos categorias a partir do discurso dos pais dos adolescentes. Investigamos como os casais parentais definem a adolescência nos dias de hoje, o que eles avaliam sobre os valores transmitidos geracionalmente, o diálogo entre os pais e os filhos, visto ora como um recurso para a liberdade, ora como controle. Analisamos como os pais vêem a tecnologia, o consumo, a violência, as drogas e as relações de gênero e sexualidade. Examinamos também o ciclo de vida da família na fase da vida dos filhos e na dos pais, ou seja, as mudanças

que a família ultrapassa. Por último, avaliamos as expectativas dos pais frente aos filhos e frente ao que estes, hoje pais, acham que os seus pais esperavam deles quando eram ainda adolescentes.

No último capítulo, tecemos as considerações finais. Elaboramos a junção dos elementos teóricos com o discurso dos casais entrevistados a respeito dos filhos adolescentes, objetivando analisar o sentido que os pais de filhos adolescentes de hoje em dia dão a esta tarefa, se comparada à de sua geração.

2

A família e os adolescentes: ontem e hoje.

Neste capítulo, são discutidos alguns dos temas que fundamentam a nossa pesquisa, tais como: a noção de família e de adolescência. Para essa discussão, consideramos os aspectos sócio-históricos, os conceitos de geração e os de tradição, além de desenvolver algumas questões relativas à família com adolescentes na contemporaneidade. Trazemos, primeiramente, um histórico da noção de família e de adolescência, tendo em vista que o velho e o novo, o antigo e o arcaico, assim como o estudo das relações entre as gerações, são fundamentais para os objetivos dessa dissertação.

Além disso, para analisar as ressonâncias entre as gerações, sobretudo entre pais e filhos, detemo-nos na família com adolescentes, destacando a complexidade dessa etapa do ciclo de vida familiar, e o momento sócio-cultural em que essas famílias vivem.

2.1– A noção de família e de adolescência: aspectos socio-históricos

Não é nenhuma novidade afirmar que a família transformou-se e ainda está em transformação. Dessa perspectiva, Roudinesco (2003) considera que é possível ver e estudar a família através de duas óticas. A primeira é o estudo vertical, que enfoca as gerações e as filiações, ou seja, as continuidades e as discontinuidades entre os pais e os filhos da mesma família; a segunda diz respeito à visão antropológica, um estudo horizontal, que enfatiza o entrelaçamento entre as famílias, ou seja, o parentesco. Neste trabalho, privilegiamos o primeiro enfoque.

Até o século XVIII, o sentimento de família, o de infância e o de adolescência não existiam como os conhecemos atualmente. Desde então, houve transformações no entendimento dessas noções e a família passou a ser uma instituição central na vida dos sujeitos,

tornando-se palco de transformações e um continente não apenas social, mas, principalmente, emocional.

Segundo Ariès (1978), a família moderna e o sentimento de família surgem juntamente com o sentimento de infância e, posteriormente, surge o termo adolescência. Até o século XVIII, a família privilegia somente a transmissão de bens, valores e conhecimentos. Ariès (1981) afirma que “Cada pessoa nascia numa comunidade formada por pais, vizinhos, amigos, inimigos, pessoas que mantinham entre si relações que exigiam solidariedade” (p.13). Naquele tempo, a sociedade, mais do que a família, é quem determina o destino do indivíduo. O nome da família e os bens materiais compõem a importante base da transmissão familiar. O cuidado com as crianças destina-se apenas à sua sobrevivência, sendo responsabilidade da mãe ou da ama desempenhá-lo. Após o período inicial de desenvolvimento do bebê, não há nenhuma distinção entre o tratamento de crianças e de adultos: elas passam a ser tratadas como adultos em miniatura e espera-se que se comportem como tais. Nesse contexto, a função afetiva, fundamental e primordial, no entendimento da família de hoje, não é conhecida e nem mesmo valorizada.

No fim do século XVII, a escola e a educação passam a ter uma grande importância para a sociedade. Paulatinamente, os pais interessam-se pela educação dos filhos, sendo as tarefas escolares motivo de maior interação entre pais e filhos. Dessa forma, a família organiza-se em torno da criança, acompanhando-a: primeiramente, deve-se zelar e empenhar-se nas tarefas escolares e, mais tarde, a afetividade é destinada às crianças e aos jovens. Assim, nesse período da história, juntamente com as decorrentes transformações da Revolução Industrial, há também uma “grande revolução da afetividade” (Ariès, 1981, p.16), que, direcionada anteriormente aos deuses, aos santos, aos cavalos e aos cães, passa a se concentrar no interior da família, entre o casal e os filhos, objetos de um amor apaixonado que nem a morte poderia fazer cessá-lo.

Nesse cenário sócio-cultural, segundo Ariès (1978), o sentimento de infância e, conseqüentemente, o de família nascem um com o outro.

Como resultado dessa transformação afetiva, o número de filhos por casal passa a ser menor, ocasionando, assim, uma diminuição significativa da taxa de natalidade, para que o cuidado e o zelo destinados às crianças possam ser de qualidade satisfatória.

A noção de juventude e a de puberdade também vêm de épocas antigas. Ariès (1978) ressalta que ambos os termos já existem em outros tempos e em outras sociedades. Grossman (1998) afirma que a puberdade encontra-se descrita desde a Grécia Clássica, ou seja, “é tão antiga quanto o aparecimento do homem sobre a terra” (p. 3). Contudo, o significado de adolescência não é o mesmo que conhecemos atualmente.

Ariès (1978) afirma que a especificidade da juventude foi reconhecida em outros tempos e em outras sociedades, anteriores à era medieval. Apesar disso, a noção de adolescência, tal como a conhecemos hoje, aparece somente a partir do século XVIII. Até aproximadamente o fim do século XVIII, as crianças são consideradas pequenos adultos, recebendo os jovens e os púberes a mesma descrição. O sexo e a capacidade de procriação definem a entrada da criança na fase adulta. A infância não é valorizada e pertence a esta fase apenas quem tem uma relação de dependência e necessita de cuidados. Quando as crianças superam o período de risco de mortalidade, já são consideradas adultas e não necessitam mais do mesmo zelo do que os demais (Ariès, 1978).

Segundo Ariès (1978), uma nova organização dos conceitos de infância, de adolescência e também de família surgem a partir do século XVIII. Essa nova configuração altera-se aos poucos, o que ocorre devido a três fatores. O primeiro deles é a maior interferência do Estado e da justiça no espaço social; o segundo, é a criação da escola, que constitui diferenças entre a infância e a adolescência, além de modificar a relação entre os membros da família, aproximando-os; e, por último, o estabelecimento de novas formas de religião que exigem dos fiéis uma maior devoção, o que também propicia um distanciamento maior entre os indivíduos das comunidades. As transformações sociais exigem de todos os membros uma nova atitude. A família do fim do século XVIII e

início do século XIX, influenciada também pela grande revolução da afetividade (Ariès,1981, p.16), volta-se para a criança e valoriza a educação, a saúde, a higiene e os laços que fortalecem os elos familiares. Dessa forma, os valores familiares são alterados gradualmente. As diferenças entre as noções de adolescência, juventude e puberdade encontram-se no interior dessa mudança, que inclui a família e seus componentes.

2.1.1– As noções de adolescência, juventude e puberdade.

A partir do século XVIII, as noções de adolescência e de infância, até então confundidas, passam a ser discriminadas, iniciando, assim, uma nova maneira de ver tal faixa etária. Após essa dissociação, a adolescência é reconhecida como uma etapa intermediária entre a infância e a vida adulta, sendo compreendida de uma maneira diferente, tanto pela família quanto pela sociedade.

No século XIX, a figura do adolescente passa a ser delineada com maior precisão. Além disso, avanços tecnológicos, advindos da Revolução Industrial, tornam-se parte do mundo mais rapidamente. As definições de gênero passam a ser bem delineadas, bem como os papéis de crianças e de adolescentes. Um duplo movimento permeia as relações entre pais e filhos: ao mesmo tempo em que há um crescente investimento nos filhos, identificados como o futuro da família, pois são os portadores do nome, dos bens e das tradições familiares, a nova visão dos filhos, como objeto de amor da família, é privilegiada.

A juventude, neste momento, começa a despertar curiosidade em relação aos seus pensamentos e ideais, expandindo-se por todo o mundo. Essa expansão ocasionou o surgimento de pesquisas sobre o que pensam os jovens, estimulando, na sociedade, o desejo de alcançá-la e permanecer por muito tempo nesta fase. “A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (Ariès, 1978 p. 46). Desse modo, a adolescência é a idade que deixa para trás a infância, afastando-a, ao mesmo tempo em que adia a chegada na maturidade.

Essas diferentes denominações apresentam-se, para alguns autores, como sinônimos. Contudo, muitos deles afirmam que os mesmos termos incluem diferentes e importantes considerações, especificando as diferentes formas de conceituar, compreender e entender a adolescência (Levi e Shimitt, 1996; Ruffino, 2006; Birman, 2006).

Para exemplificar as transformações das noções de puberdade, juventude e adolescência ao longo dos anos, recorreremos aos dicionários da língua portuguesa.

As definições de adolescência, juventude e puberdade, importantes para a problemática apresentada nessa dissertação, aparecem nos dicionários de forma diferenciada em certos aspectos; porém, em outros, possuem similaridade. Nota-se que, nas definições encontradas no *Dicionário de Língua Portuguesa Caldas Aulete*, datado do ano de 1958, os aspectos emocionais da fase adolescente não são citados e nem relacionados a nenhum dos termos, juventude e puberdade. Já no *Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Eletrônico* (1999) e o *Houaiss Eletrônico* (2001) os aspectos psicológicos fazem parte da caracterização dos termos: “período da vida humana que se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas” (Aurélio Eletrônico). Nota-se, através dessa comparação, que em função do tempo histórico e da valorização das características emocionais da adolescência, os dicionários mais recentes incluem, em sua acepção, as mudanças psicológicas que essa fase implica.

Tanto no Aurélio Eletrônico (1999) quanto no Houaiss Eletrônico (2001), o termo puberdade vincula-se aos processos biológicos, ao passo que a adolescência e a juventude relacionam-se à passagem da infância para a fase adulta.

No *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete* (1958), a adolescência é designada como período que sucede o da puerícia, abrangendo desde os 14 aos 25 anos de idade. O termo puberdade, no mesmo dicionário, é considerado como a época da vida humana em que o indivíduo adquire aptidão para a procriação: estado de púbere, época da puberdade, quando começa a ter barba ou pelos finos. Já o termo juventude, refere-se a uma aproximação do estado adolescente: idade juvenil, adolescente, adolescência.

No dicionário Aurélio (1999), a adolescência é caracterizada tal como descrita acima, contudo, abrange jovens entre 12 e 20 anos. O dicionário Houaiss Eletrônico (1999), por sua vez, caracteriza a adolescência como “momento de alguma coisa que se caracteriza pelo viço, pelo frescor; juventude, mocidade”. Nota-se que as idades que compreendem a adolescência são diferentes se contextualizadas temporalmente, apresentando uma importante divergência para situar a faixa etária. Além disso, o dicionário mais atual, refere-se ao “momento de alguma coisa”. Essa expressão apresenta-se não definida. Refere-se ao momento do desenvolvimento humano, porém, passa a idéia de uma indefinição, confusão ou a dificuldade de uma caracterização precisa.

No dicionário Aurélio Eletrônico (1999), os aspectos emocionais fazem parte das definições dos termos, demarcando a influência das mudanças sociais na transformação dos termos. As definições de dicionários mais recentes, evidenciam a visão de um processo contínuo, não mais a visão de fases estanques e seqüenciais.

De modo geral, a puberdade é mais bem caracterizada do que os outros dois conceitos. A adolescência e a juventude possuem significados semelhantes e uma noção remete à outra. Além disso, os dois últimos termos são descritos em poucas palavras e com expressões vagas, que explicitam, no nosso ponto de vista, a complexidade de cada um.

Para Birman (2006), juventude pode ser caracterizada pela palavra complexidade, pois pressupõe uma multiplicidade de temas. Corroborando essa idéia, Levi e Schmitt (1996) afirmam que o termo juventude, por si só, já apresenta problemas, por ser “algo irreduzível a uma definição estável e concreta” (1996, p. 8). Para os autores, o termo juventude encontra-se entre a dependência da infância e a autonomia da fase adulta, ou seja, é uma fase de transição e mudanças. Os autores afirmam ser a juventude uma construção social e cultural. Eles asseguram que, em nenhum momento da história, a juventude pode ser definida somente de acordo com critérios biológicos e/ou jurídicos, frisando a importância de uma visão sócio-histórica para a compreensão desse conceito. Ruffino (2006) corrobora tal idéia e afirma

que a juventude é definida como “a expressão do cenário social do conjunto dos sujeitos humanos que estão às voltas com o processo psíquico da adolescência, o que inclui o púbere, depois o chamado *teen-ager*, e também o jovem adulto” (2006, p.11).

Grossman (1998) afirma que, ao longo do século XIX, a adolescência é reconhecida como um “momento crítico” da existência humana. A adolescência é temida como uma fase de riscos potenciais para o indivíduo e para a sociedade, tornando-se, assim, tema de estudos de médicos e educadores. O comportamento e as transformações sexuais da fase adolescente são os detonadores desses estudos. A puberdade designa este período como um momento repleto de transformações físicas para o sujeito. Diante disso, “a adolescência é distinguida como uma zona de turbulência e contestação, contituindo-se em uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias” (1998, p.5).

No século XX, um grande período de mudanças se estabelece no mundo como um todo. O período de guerras deixa, sem dúvida, marcas nas sociedades, principalmente para os jovens. Os anos da década de 1960 inauguram um momento de diferente mobilização e contestação social. Indo contra todas as organizações criadas pelas gerações anteriores, os jovens dos anos 60 organizam-se e se transformam em um grande grupo que tem o foco da contestação radical: lutando para destruir o velho e impor o novo.

“Os jovens passariam a destruidores radicais de tudo o que estivesse estabelecido e consagrado: valores, instituições, idéias e tabus. Seria, então, delineado um movimento de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas, envolvendo os EUA, a Europa e diversos outros países de fora do mundo desenvolvido.” (Grossman,1998, p.6)

Hoje, no século XXI, os adolescentes são reconhecidos como produtores de novidades, agentes das mais atuais tecnologias e capazes de manipulá-las com habilidade. As mudanças sociais, econômicas, relacionais e culturais, ocorridas em um espaço de tempo

cada vez mais curto, definem o mundo em que os jovens e adolescentes habitam e administram.

Assim, elegemos a família com adolescentes, pois acreditamos que ela espelha peculiaridades do mundo contemporâneo. É através dela que podemos ver as diferenças, as especificidades e também a complexidade dessa fase no mundo atual. Desejamos promover uma discussão sobre a relação entre as gerações no interior da família, assumindo a fundamental importância de entender o passado para podermos olhar o futuro. Considerando essa perspectiva, discutir o conceito de família, mostra-se também fundamental, salientando a sua complexidade e articulação com as noções de adolescência, juventude e puberdade.

2.1.2 – A complexidade da noção de família.

As noções de infância, de adolescência, de juventude e de família referem-se a conceitos construídos culturalmente, que se transformam ao longo dos diferentes momentos da história. Nesse sentido, são conceitos construídos e relativos a uma cultura, a uma civilização e a um tempo.

A definição de família, no Dicionário da Língua Portuguesa Larrousse Cultural (1992), inclui os aspectos de filiação, de linhagem e de consangüinidade. Rocha-Coutinho (2006) afirma que “a família deve ser entendida em sua complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos” (p. 97). Esta autora enfatiza que o conceito de família pode ser visto por dois prismas: o primeiro está atrelado a um grupo social concreto e delimitado e o segundo perpassa os discursos sociais, incluindo as construções ideológicas vigentes no meio cultural em que o grupo se insere. Para a autora, a família, compreendida em um determinado meio social e em um determinado tempo histórico, não pode ser vista fora do contexto, sendo constituída como um importante ponto de referência para a construção das identidades sociais.

As famílias podem ser definidas, para Rocha-Coutinho (2006), como:

“Unidades de relações sociais e de produção tanto biológica quanto ideológica, no sentido de que é nelas que os hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento são transmitidos e questionados. Como espaço de convivência, a família é o lugar das trocas afetivas e de informações e das decisões coletivas, como as que dizem respeito aos interesses comuns, como lazer e consumo...” (pag. 96)

Neste mesmo sentido, Sarti (1999) define família como o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constroem a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. Para a autora, a família é um “filtro” pelo qual o mundo é visto e significado:

“Realidade, que se constitui pela linguagem socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, torna-se um campo privilegiado para pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto entre o mim e o outro” (1999: 3).

Corroborando estas idéias, Castilho (2003) afirma que a família é um lugar de aprendizado, de construção de identidade e de reconhecimento da diferença. Nesse sentido, ambas as autoras apontam que a família possui uma função organizadora.

Sarti (1999) considera a família como uma “realidade de ordem simbólica”, pois ela se define pelos significantes que as relações criam. Para essa autora, as relações e os vínculos são os alicerces do conceito de família. Ela afirma que “se pensarmos na constituição do sujeito a partir da linguagem veremos que é a família que introduz o indivíduo nesse contexto”. É a linguagem que inicia o sujeito no campo das relações e dos vínculos e a família é ordenadora e possibilitadora de sentidos das experiências vividas, constituindo-se como o alicerce da identidade.

Além de apresentar uma definição conceitual complexa, a família é uma instituição social fundamental para a construção da subjetividade. Ressaltamos a importância da família no entendimento de questões subjetivas e de que, hoje, os aspectos emocionais estão na

base da definição de família. As noções de coesão do grupo familiar e sua continuidade compõem a conceituação de família; as relações, os vínculos, os sentimentos, marcam essa compreensão. Ademais, a relação entre o individual e o meio ambiente apresenta-se como ponto nodal para o entendimento deste conceito.

Consideramos que a subjetividade e a família fundam-se nas circunstâncias históricas, culturais e sociais. Diferentes histórias, contextos, sentimentos, ideais, gerações e vínculos compõem o significado tanto da família quanto da subjetividade. Todos esses aspectos estão intimamente ligados e relacionam-se entre si quando abordamos o tema família com adolescentes. Como afirmam Benicá e Gomes (1998) “a família é um organismo mutável, que transforma e é transformado pela sociedade”.

Na mesma linha de raciocínio, Velho (1987) relaciona família e subjetividade e define que família é “uma instituição fundamental no processo de subjetividade. Ela será de algum modo construída, elaborada ou desenvolvida” (1987, p. 80).

Roudinesco (2003) afirma que a família moderna se impõe em torno do ano de 1960, ou seja, no século XX. A autora aponta as diferenças entre a família tradicional e a moderna e afirma que a primeira continua com a incumbência de transmitir valores e assegurar o patrimônio das famílias, além de basear-se na autoridade, promovida pela figura central, que é o pai. Já a família moderna, conquista novos espaços, calcando-se, sobretudo, no amor romântico e na divisão de tarefas entre os cônjuges.

Castilho (2003) aponta que pensar a família é aproximá-la de um paradoxo entre “mudança/estabilidade”. Confrontada com a convivência entre as gerações, a família com adolescentes evidencia esse paradoxo à medida que a adolescência dos filhos traz à tona conflitos geracionais, freqüentemente desestabilizadores da família.

Toda família vivencia o processo da passagem do tempo que acompanha a idade de todos os seus membros. Dessa forma, apresenta-se nitidamente a influência que as demais gerações têm para a geração atual e vice-versa. Durante tal processo, seus membros são

obrigados a passar por momentos de transição necessários e pertinentes ao ciclo vital familiar, que é diferente para cada indivíduo. Nesses momentos, a integração entre o velho e o novo se faz presente para todas as gerações envolvidas. Este é um aspecto fundamental ao enfocarmos a família com adolescentes: a importância da passagem do tempo, a integração do antigo e do novo, do moderno e do arcaico, das tradições e das gerações.

Costa (2004a) afirma ser banal constatar que a “família vai mal” (2004, p.11). Segundo ele, as explicações da desestabilização da família são inúmeras e passam pelo afrouxamento dos laços conjugais, pelo enfraquecimento da autoridade dos pais, pela emancipação da mulher, pelo conservadorismo do homem, pela repressão à infância, pelo excesso de proteção aos filhos e pela falta de amor.

Nesta linha de pensamento, Costa afirma que a família estaria perdendo as regras que mantinha a família coesa nos tempos anteriores, vivenciando, assim, um “rude impasse” (2004a p.11). As funções propiciadas pelo ambiente familiar, como carinho e proteção, não são mais estimuladas. Para o autor, o lar moderno passou a fomentar guerra entre os sexos e as gerações. Desse modo, causa desestabilidade na família, o desaparecimento dos antigos valores, independentemente do surgimento de novos, que não são encontrados para substituir os antigos.

Julien (2000), Costa (2004a) e Ruffino (2005) são alguns dos autores que discutem o desaparecimento de valores “tradicionais”, importantes referenciais para a estabilidade da família.

A “tradição” familiar remete-se à comunidade tradicional, conforme mencionado por Ariès (1991):

“a comunidade que enquadra e limita o indivíduo – a comunidade rural, a cidadezinha ou o bairro – constitui um meio familiar em que todo mundo se conhece e se vigia (...) o único espaço habitado e regulamentado segundo determinadas leis” (1991, p. 7 e 8).

No Dicionário da Língua Portuguesa, tradição define-se como o ato ou o efeito de transmitir ou entregar, sendo, sobretudo, uma

transmissão oral, uma transmissão de lendas, de fatos, etc., caracterizando o costume de transmitir, de geração em geração, um conjunto de valores. Roudinesco (2003) aproxima-se dessa definição e considera a tradição familiar calcada na necessidade de transmitir e assegurar o patrimônio das famílias.

Para Ruffino (2005), a comunidade tradicional refere-se a tudo o que não foi afetado pelo acontecimento da modernidade e da sociedade moderna, ou seja, tudo aquilo que não sofreu as transformações que vêm-se operando ao longo da história.

Os papéis bem delimitados, os papéis de gênero, próprios da família patriarcal, são relacionados às sociedades tradicionais. Segundo Ceccarelli (2007), eles ainda estão em vigor como um modelo de organização familiar, influenciando as famílias contemporâneas.

Para Giddens (2001), o caráter ritualístico assim como o normativo e o moral definem o conceito de tradição. Através da tradição é indicado o que se é e o que se deve ser, oferecendo uma segurança aos que aderem e crêem nela. Porém, ao mesmo tempo em que as tradições oferecem segurança, elas também produzem a falta de diálogo, a impossibilidade da introdução do novo e do diferente. A transformação da tradição, para o autor, está relacionada à transformação da natureza, que é entendida como o meio ambiente e os eventos ocorridos independentes da ação do homem.

Cada geração, em cada momento da história, tem suas concepções, suas idéias e seus sentimentos. Quando falamos da sociedade contemporânea, referimo-nos a valores passíveis de transformações ou revalorizações devido às mudanças rápidas e contínuas que a sociedade vem sofrendo atualmente. Como exemplo, podemos citar os avanços tecnológicos, que contribuem para a complexidade do estudo das famílias com adolescentes, já que afetam os modos de relacionamento e de vínculo estabelecidos entre os seus membros.

2.2 – A família com adolescentes hoje

Quando nos referimos à família com adolescentes ou jovens, aludimos a um grupo que vivencia uma metamorfose familiar, tanto no que se refere às questões sócio-culturais quanto no que diz respeito aos aspectos emocionais.

Com a rapidez das mudanças ocorridas na contemporaneidade, os pais experimentam desempenhar suas funções em um cenário muito diferente do que vivenciaram em suas famílias de origem. Assim, ressaltamos, nesse panorama complexo, as diferenças entre as gerações. Não é novidade afirmarmos que a geração passada é diferente da geração atual. Contudo, podemos constatar que importantes aspectos relacionam-se, ao discutirmos a definição de geração.

No dicionário Larrouse Cultural (1992), o termo geração é definido como: descendência, linhagem, genealogia, conjunto de pessoas da mesma idade e da mesma época. Já os autores Benicá e Gomes (1998) e Rocha-Coutinho (2006) apontam que outros aspectos, tais como os históricos, os culturais, os biológicos e os psicológicos relacionam-se à definição e à compreensão do conceito de geração.

Rocha-Coutinho (2006) define o termo geração como sendo um grupo de pessoas com idades semelhantes. Benicá e Gomes (1998) acrescentam que as pessoas da mesma geração “vivenciam uma problemática histórica e concreta de experiências comuns com o sistema político, social, econômico e cultural” (1998, p. 179). Rocha-Coutinho (2006) enfatiza que, do ponto de vista psicológico, o termo geração refere-se à expressão de valores e de padrões de comportamento. A autora aponta que esses comportamentos e valores fazem parte das identidades sociais e pessoais desses sujeitos. Contudo, os valores não são fixos e podem mudar, à medida que eles interagem com novos valores e padrões, surgidos ao longo do tempo.

Castilho (2003) chama atenção para a maior longevidade dos sujeitos hoje em dia e afirma que, cada vez mais, diferentes gerações se relacionam. A autora ressalta que as gerações apresentam

diferenças e, quanto mais definidas forem as fronteiras geracionais, mais fácil será o relacionamento entre elas.

A partir dessas considerações acerca das gerações, indagamos como será a adolescência de hoje na visão dos pais? Como será que os pais dos adolescentes da contemporaneidade vêem a adolescência dos seus filhos? E quais seriam as diferenças entre as suas adolescências e as de seus filhos?

Constata-se que há divergências de opiniões sobre a descontinuidade dos valores e comportamentos de uma geração para a outra. Enquanto alguns autores falam de uma semelhança entre esses valores e os comportamentos, ou seja, acreditam em uma reedição de modelos de uma geração para a outra, outros apontam, ao contrário, uma diferença entre os dois tempos (Rocha-Coutinho, 2006).

A divergência mencionada acima fica mais evidente quando falamos do contexto atual - a contemporaneidade. A sociedade contemporânea, marcada por uma intensa velocidade de transformações e por valores sociais tais como: o individualismo, o consumismo, a busca do prazer a todo o custo e a descartabilidade dos afetos e dos produtos, afeta os modos de viver, de se comunicar e de se relacionar.

A sociedade, antes marcada pelas instituições tradicionais, agora perde seus valores e confronta-se com os valores contemporâneos da rapidez, da fluidez e do provisório. Para Venturi, Barbosa e Pinheiro (2006), nos séculos XIX e início do XX, a tradição é um valor estruturante e configurador de um determinado tipo de subjetividade. Desse modo, as referências externas não cambiam com velocidade. Já na atualidade, embaralham-se, velozmente, os modos de ser, pensar, agir, morar, vestir-se e comportar-se.

A intensa velocidade das transformações marca, de forma peculiar, o mundo contemporâneo. Percebe-se este fenômeno no avanço tecnológico, assim como no surgimento de diferentes configurações familiares. Bauman (2004) afirma que o mundo habitado por nós é um mundo repleto de sinais confusos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível. Ele ressalta que este mundo é

vivido como incerto, incontrolável e assustador devido à velocidade das mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e culturais do cotidiano.

Bauman (2004) observa ainda que as relações amorosas e os vínculos familiares estão sendo afetados por uma grande ansiedade provocada por essas mudanças. Saggese (2000) afirma que as mudanças sociais e históricas não são apenas mudanças, elas têm a capacidade de transformar subjetivamente os sujeitos e as suas relações. Segundo ele:

“Todas as conquistas modernas que desestabilizaram as certezas do homem produziram angústia e liberdade. As questões da vida pós-moderna apenas desarticulam mais uma das nossas certezas: a ilusão de que já sabíamos o que era o homem” (p.259).

A fluidez e a liquidez dos sentimentos na vida da sociedade contemporânea são aspectos enfatizados por Bauman (2004). Idéias de liquidez, maleabilidade, fragmentação e ambigüidade compõem o cenário pós-moderno. O autor reitera que tais características produzem, nos sujeitos contemporâneos, um mal-estar e uma ansiedade profundos diante das características do mundo atual.

A contemporaneidade, segundo Giddens (1991), é caracterizada como um momento de desorientação, repleto de discontinuidades. Há uma “evaporação do enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível” (p. 14). O autor identifica três características que geram esta discontinuidade. A primeira delas é uma referência ao ritmo das mudanças atuais, comparado ao ritmo das mudanças do período inicial da modernidade. A segunda, diz respeito ao escopo da mudança – as conexões através do mundo propiciam transformações em toda a superfície da Terra. Por fim, a terceira característica faz referência à natureza intrínseca das instituições modernas, ou seja, às diferentes formas de produção e à completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho.

Corroborando a idéia de Giddens (1991), Birman (2003) e Bauman (2004) também avaliam as transformações que compõem o

cenário do mundo contemporâneo, referindo-se às trocas afetivas. Birman acrescenta que “os destinos do desejo assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (2003, p. 24). Partilhando dessas idéias, Saggese (2000) enfatiza que o individualismo é uma característica da contemporaneidade. Ele acrescenta que o sujeito do mundo contemporâneo tem o dever de procurar os seus próprios valores e fazer suas próprias escolhas, pois o mundo de hoje está desprovido de valores fixos.

Comparando o cenário histórico apresentado inicialmente e o cenário da contemporaneidade, percebe-se que as famílias estreitam-se, diminuem o número dos seus membros, transformam seus valores, e assim, mudam seu modo de viver (Jablonski, 1991). Nesse sentido, o processo de interação e de investimento que marcam a sociedade contemporânea é representada, por Jablonski (1991), pela idéia de “fam-ilha”. Para o autor, formato de ilha demonstra uma diminuição do tamanho da família, um maior isolamento e introspecção entre os membros em relação à sociedade e aos demais parentes.

Assim, no contexto contemporâneo, as famílias diminuem, se isolam e surgem os sentimentos de desorientação, desamparo e esmaecimento (Giddens, 1991; Bauman, 2004; Ruffino, 2005; Birman, 2003; Roudinesco, 2003).

Ruffino (2005) associa o desamparo à passividade frente às transformações, já que os sujeitos contemporâneos apenas respondem às exigências do mundo. Frente a essas exigências, o sujeito da contemporaneidade exclui o estável e o durável, valorizando por sua vez, a flexibilidade e o novo. Deste modo, o sujeito que vivenciam este tempo histórico

“...se vê diante da obrigação de criar internamente, dia após dia, as próprias referências de identidade, sem que se possa contar com os referenciais externos – que se tornam frágeis, fugazes, instáveis e cada vez menos consistentes”. (Venturi, Barbosa, Pinheiro, 2006, p. 113).

A estranha sensação de deriva se impõe, pois os laços afetivos e os ideais sociais apresentam-se enfraquecidos, obrigando a cada sujeito, individualmente, criar seus próprios referenciais. Apesar da extrema liberdade que essa condição proporciona, o preço a ser pago é o de uma grande insegurança.

Nesse contexto, as famílias com adolescentes, vivendo no Rio de Janeiro, se deparam com situações comuns aos grandes centros e com situações específicas. Guardadas as devidas diferenças entre os países e as cidades, o Rio de Janeiro sofre transformações de um grande centro urbano do mundo contemporâneo. Discutimos, brevemente, as características presentes nessa cidade com o intuito de situar alguns aspectos importantes. Nossa perspectiva é a da importância de localizar a pesquisa em um determinado contexto. Não pretendemos esgotar o assunto, mas afirmar a relevância e a especificidade de cidades, como o Rio de Janeiro, que afetam o modo de vida de seus habitantes.

Como afirma Vianna (2003) no livro *Galeras Cariocas*, a situação social se agravou nos últimos dez anos. Corroborando esta idéia, Costa (2004b) afirma que a violência é um dos aspectos que vem captando a atenção da vida urbana brasileira e frisa: “a violência, por seu turno, dispensa comentários. O noticiário do dia-a-dia fala por si”. (p. 131). Dessa forma, não é novidade, para quem vive em um grande centro urbano, questionar-se sobre a violência que o acomete, sobre o aumento da mortalidade de jovens em acidentes de carro, sobre as drogas e a insegurança na qual se vive. Pensar a fundo em toda essa problemática, leva-nos a concluir que há uma relação entre elas.

A intensa velocidade das transformações, que caracteriza o mundo contemporâneo (Bauman, 2004), pode ser parte da explicação que interliga esses aspectos, fazendo-nos compreender que os aspectos sociais se agravam com o passar do tempo, juntamente com as mudanças históricas e culturais, que descrevemos anteriormente. Para Costa (2004b), fatores como o aumento da pobreza, devido à concentração de renda, e a desorientação pessoal, devido à perda dos valores tradicionais, aparecem como acionadores desta problemática. Por vivenciarmos as particularidades do mundo contemporâneo, em

uma cidade como o Rio de Janeiro, podemos perceber que os efeitos da violência causam à população diferentes impactos. As famílias vivem as crescentes influências do mundo contemporâneo e atualizam essas mudanças, pois há uma ligação entre os aspectos culturais, os históricos, os sociais e os subjetivos.

Njaine e Minayo (2004) afirmam, a partir de pesquisas feitas em diversos países, inclusive no Brasil e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, que a mídia tem um papel importante nos efeitos da violência, segundo os adolescentes. De acordo com os entrevistados, essa influência ocorre, pois a mídia distorce os fatos e estimula o consumismo. Quando as autoras referem-se à violência, dizem respeito à insegurança que assalta os cidadãos dos grandes centros urbanos brasileiros, tal como o Rio de Janeiro. Essa insegurança é sentida e vivenciada por todos, principalmente, as famílias de adolescentes que estão inseridas nesse contexto de transformação social e, ainda, emocional.

Somada a estes fatores, a facilidade tecnológica aparece como outro aspecto. Pinheiro (2001) aponta para a passividade do sujeito contemporâneo frente às tecnologias e aos bens de consumo. Ela afirma que a ditadura do “ter” em detrimento ao “ser” apresenta os valores frágeis da sociedade contemporânea. A invasão de computadores, laptops, internet, e-mails e celulares desafiam e modificam o relacionamento e a comunicação entre os familiares (Hintz, 2007).

A utilização de instrumentos que tomam tempo, excluem outros modos de contato e interação, pode gerar um distanciamento entre os membros da família, afetando a privacidade e a intimidade da mesma. Com isso, a família precisa repensar novos significados e valores que se impõem frente às características contemporâneas.

Hintz (2007) analisa que a inserção dessas tecnologias pode ser utilizada como um recurso, facilitando e melhorando a qualidade de vida, e, igualmente, como facilitador do conhecimento e de novas formas de comunicação. Por outro lado, pode causar dificuldades no relacionamento familiar. O nível de exposição pessoal e os riscos

aumentam. Determinadas mudanças marcam cada época, cada momento da história, cada geração, cada cidade. Hoje, temos uma visão de família que contém a herança de séculos passados, mas podemos notar que foram incorporadas outras características e outras idéias. Quando se fala de famílias com adolescentes, na contemporaneidade, muitas questões se impõem. A contemporaneidade apresenta para os sujeitos inúmeras situações, tais como as expectativas frente a novas configurações familiares e os novos sentimentos, diante de uma nova e diferente maneira de se viver, imposta pelas mudanças dos tempos. Os sentimentos, as mudanças subjetivas, as novas formas de relação e de vinculação, que se criam, fazem-se presente no dia de hoje, compondo o objeto deste estudo.

3

A psicodinâmica da família com adolescentes

No capítulo anterior, discutimos o processo de transformação da família e as aceleradas mudanças que o mundo contemporâneo presencia. Na família com adolescentes, o processo de transformação permanente da sociedade fica ainda mais evidenciado, pois a adolescência é uma fase repleta de mudanças, de transformações subjetivas, corporais e relacionais.

Roudinesco (2003) afirma que a subjetividade e a família, fundam-se nas circunstâncias históricas, culturais e sociais. Todos esses aspectos estão intimamente ligados quando abordamos o tema da família com adolescentes.

Enfocar a família implica considerar um sistema dinâmico, sempre em movimento. A família se constitui em um espaço onde se estabelecem vínculos fundamentais, tradições, crenças e costumes, que falam de um imaginário comum e que formam as missões, os legados, os pactos, as heranças e as expectativas, transmitidos de uma geração à outra.

Desse modo, enfocamos, neste capítulo, a psicodinâmica da família com adolescentes, discutindo o processo identificatório que permeia a família e as particularidades desse momento do ciclo de vida, tanto para o adolescente quanto para a sua família.

3.1 – Subjetividade e Família

Carter e McGoldrick (1995) afirmam que o grupo familiar é um sistema aberto, caracterizado por um fluxo contínuo de trocas, refletindo as constantes transformações em suas interações. A família se constitui como um sistema social de relações, estruturado pelos valores da sociedade na qual ela se insere. Segundo Sarti (1999), é a partir da família que se aprende a significar o mundo. Para a autora, a família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constroem a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. Assim, a família é o palco

ordenador e que possibilita sentidos das experiências vividas, ou seja, o alicerce da identidade. As relações e os vínculos são as bases do entendimento desse conceito, pois é a família que introduz o indivíduo no campo das relações e dos vínculos – aspectos fundamentais para o desenvolvimento subjetivo.

Reforçando a importância do grupo familiar, um modelo de compreensão da experiência individual e multicontextual, Carter e McGoldrick (1995) propõem três contextos principais: o contexto de vida familiar, o multigeracional e o sociocultural. O primeiro diz respeito à família de origem ou nuclear, o segundo refere-se às demais gerações envolvidas e o contexto sociocultural remete ao tecido social e cultural mais amplo, no qual a família está inserida.

Em sua teoria, Winnicott (1982) também aponta a fundamental ligação entre o meio ambiente e a relação familiar. O autor ressalta a importância do meio para a constituição subjetiva, que inclui a relação entre a mãe ou o cuidador e o bebê. Essa relação, inicialmente simbiótica, constitui um vínculo estruturante primordial. Com o passar do tempo, a relação simbiótica e absoluta, tal como descreve Winnicott, altera-se gradativamente para uma dependência relativa, até serem incluídas outras relações que não se limitam apenas ao núcleo familiar. Assim, outras relações passam a constituir a vida do sujeito, ou seja, ele caminha em direção à independência¹. Essas demais relações também são fundamentais para a constituição subjetiva “saudável”.

O suporte parental é essencial ao crescimento individual. Os pais favorecem o direcionamento à independência dos filhos e, com isso, destituem-se do lugar de objeto único de desejo parental, uma tarefa familiar importante.

Os vínculos familiares, sobretudo os vínculos com as figuras parentais, são os alicerces da subjetividade. A família é uma “realidade de ordem simbólica”, pois introduz o indivíduo no campo das relações e dos

¹ A independência a que Winnicott se refere, a todo o momento, diz respeito a uma independência relativa, pois, para ele, nenhum indivíduo é completamente independente. Para ser um sujeito, as relações se fazem presentes e, assim, há sempre uma condição de dependência.

vínculos. Esses aspectos constituem a subjetividade dos sujeitos (Sarti, 1999).

Puget e Berenstein (1993) descrevem a noção de vínculo que expressa a ação de unir, ligar, juntar, atar e apertar com ligaduras ou nós. Essa definição sugere uma relação estável que funciona por pares e que se dá por meio de um intercâmbio – “todo o vínculo é bidirecional” (1993, p.22). Eguier (1985) complementa essa idéia e afirma que “é entre o eu e o outro que o vínculo se estabelece”.

As influências, tanto do grupo familiar quanto do ambiente, são fundamentais para entender a família. Esses sujeitos que a compõem, se entendidos como biopsicossociais, inserem-se no meio ambiente, “fazendo parte da cultura com suas particularidades e modos de vincularidade” (Hintz, 2007, p. 156) .

Com toda a sua complexidade, a família pode ser descrita como um lugar de aprendizado, de construção da identidade, de reconhecimento da diferença. Além desses aspectos, a consangüinidade, a filiação e a linhagem também compõem essa noção. Assim, falar de família significa referir-se às diferentes gerações. Como afirmam Carter e McGoldrick (1995), na família com adolescentes, as três gerações da família são mobilizadas pelas tensões próprias dessa etapa do ciclo de vida. São membros de diferentes idades, com diferentes modos de pensar e de educar, vivenciando diferentemente aquele momento histórico no contexto familiar. Por isso, as autoras definem esse processo como ciclo de vida familiar ou multigeracional.

O ciclo de vida é considerado, por Moré e Queiroz (2007), “um conceito integrador das fases ou etapas dos indivíduos que constituem uma família, evidenciando a trama relacional dos mesmos através dos tempos, conectando as distintas gerações que a compõem” (p. 124). Para elas, o ciclo vital individual ocorre dentro e, concomitantemente, ao ciclo de vida familiar, não sendo possível separar ambos os processos. O ciclo de vida de cada sujeito não pode ser separado do ciclo de vida da família a que ele pertence, fazendo com que todos os membros da mesma família partilhem, ao mesmo tempo, um processo individual e familiar/coletivo.

O meio familiar é formado pelo resultado das experiências de seus membros. A influência das relações entre os membros não dependem, exclusivamente, da presença física, já que as figuras parentais são internalizadas. Estas ainda sofrem influências dos valores sociais atuais, além das histórias de suas famílias de origem e do encontro entre as famílias.

As famílias possuem suas próprias leis e regras, que são alicerçadas em um sistema herdado e desenvolvido por pais e filhos. Essa relação familiar varia de acordo com cada relacionamento, com o momento histórico e com as expectativas que são transmitidas de geração a geração. Desse modo, os sentimentos envolvidos na fase adolescente dos filhos não se restringem ao difícil processo de crescimento do adolescente, mas incluem também os processos psíquicos de todos os membros da família, montando-se, assim, uma rede complexa de relações.

Para Moré e Queiroz (2007), as transições produzidas no ciclo de vida familiar “geram mudanças na percepção que as pessoas têm de si mesmas e dos outros, bem como das relações que estabelecem com outros significativos” (p.125). Assim, conclui-se que, enquanto ocorrem mudanças físicas e relacionais, durante o ciclo de vida, os processos subjetivos, obrigatoriamente, acompanham essas transformações, já que os processos subjetivos individuais não são dissociados dos familiares.

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que os vínculos são indispensáveis ao funcionamento psíquico, o intercâmbio entre as pessoas, no qual os vínculos se constituem, pode gerar conflitos e dificuldades. Para Moré e Queiroz (2007), o ciclo evolutivo familiar constrói-se em uma realidade baseada no dia a dia de cada família e ao longo do ciclo vital. Com o intuito de preservar a organização que cada geração constitui, tentando manter o equilíbrio da homeostase familiar, delinea-se um desafio: a convivência entre as gerações.

No interior da mesma família, avós, pais e filhos vivenciam esse processo. Cada geração é acometida por diferentes sentimentos. Estes dizem respeito a um momento histórico, a expectativas parentais e a legados familiares. O pai e a mãe revivem, na adolescência dos filhos, as

suas próprias adolescências. A interação entre pais e filhos deve alterar-se ao longo da vida, possibilitando, assim, novas formas de relacionamento.

O ciclo de vida da família com adolescentes possui suas particularidades e promove, para todos os membros envolvidos, uma completa transformação. Carter e McGoldrick (1995) apontam para a transformação do sistema familiar na adolescência e afirmam que esta fase exige mudanças estruturais e renegociações de papéis. Coates (1997), corroborando a idéia de Carter e McGoldrick, afirma que:

“... os pais além de reavaliar, analisar a sua própria adolescência e repensar sobre os pais que tiveram, enfrentam nova crise, própria do seu ciclo vital: eles se aproximam da meia idade e com isso vem a reavaliação do casamento, da carreira profissional, e surgem novas preocupações: a perda da juventude, a aproximação da velhice e, por que não dizer, a idéia de morte”. (1997, p. 41)

Carter e McGoldrick (1995) acrescentam que o ciclo de vida da família com adolescentes é um disparador de sentimentos de perda, de medo e de abandono para a maioria das famílias. Kancyper (1999) confirma essa idéia e declara:

“Não só o adolescente sofre este longo processo, mas também os pais têm dificuldades para aceitar o crescimento dos filhos, consequência do sentimento de abandono que experimentam ante a genitalidade e a livre expansão da personalidade do filho que dela surge” (p. 92)

A transição da infância para a adolescência marca uma real perda para a família – a perda da criança. Não é apenas o adolescente que sofre modificações e deixa de sentir-se como criança para transformar-se em adulto. Os pais, que estavam acostumados a relacionar-se com o filho pequenino, com um corpo e vontades de criança, deparam-se, de repente, com desejos e necessidades de um outro corpo, um corpo crescido e com vontade própria. Com tudo isso, a passagem por esta fase leva a família a adotar uma nova identidade, que também consiste em mudanças externas e internas das diferentes relações do sistema, ou seja, da sua rede vincular. Concomitantemente a isso, na maioria das

vezes, os pais estão vivenciando o envelhecimento de seus próprios pais. Nesse momento, há uma reavaliação de projetos de vida nos campos pessoal, conjugal e profissional. Pai e mãe, que antes se relacionavam apenas como um casal conjugal, inauguram a relação de casal parental, devido à chegada do primeiro filho. Com a entrada dos filhos na adolescência, as reavaliações de projetos e de sentimentos são impostas e o retorno ao casal conjugal é reconfigurado. Tal retorno possibilita uma nova relação, mas, ao mesmo tempo, pode gerar conflitos e novas reformulações.

Tanto a família quanto os próprios jovens, que são acometidos por sentimentos de insegurança e incertezas, sofrem com as mudanças da fase adolescente. Muitas transformações físicas e psicológicas estão em plena evolução. Nesse momento, tanto os pais como os adolescentes vivenciam mudanças biológicas e lutos emocionais.

Eiguer (1985) aponta que as gerações devem reformular seus papéis e que a fase adolescente confere tanto ao jovem quanto à sua família uma tarefa que, para ser desempenhada com sucesso, implica um trabalho minucioso. Para o autor, os pais e os adolescentes são confrontados com reformulações necessárias de vínculos assimétricos. Com a entrada do filho na adolescência, o adulto precisa estabelecer novos termos para a nova relação, assumindo que o adulto está, a partir de então, frente a um sujeito que, cada vez mais, se assemelha a ele.

Alguns dos principais aspectos passíveis de reformulação e de atualização, a partir da vivência da situação de crise, como a adolescência na família, são designados por Eiguer (1985): a possibilidade de se desvendarem os equilíbrios precários; o despertar de emoções e angústias; o luto pela antiga maneira de viver; as modificações das regras, a partir de então inadaptadas; e, por fim, a definição de novas perspectivas.

A adolescência pode ser considerada um período de crise, momento de profundas mutações, questionamentos e incertezas. A busca da identidade pessoal norteia as atitudes do adolescente. Sentimentos de confusão, de solidão e de despersonalização fazem parte desta fase. Ao mesmo tempo em que o adolescente luta para diferenciar-se de seus

pais, o maior exemplo a ser seguido continua sendo o da família e, em especial, o do casal parental. A influência dos pais, do funcionamento do casal e as relações obtidas no núcleo familiar são, para o adolescente, referências fundamentais, o que possibilita a constituição da subjetividade. No estudo sobre as influências da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos, Féres-Carneiro (2005) corrobora esta idéia de referência parental. Para ela, é a conjugação das histórias, passadas e presentes, que se misturam e são transmitidas aos filhos, “associadas às expectativas de futuro, conjugando as fantasias individuais dos membros da família e os mitos familiares” (p.89).

A família precisa assimilar as transformações do adolescente, com seus novos ideais e suas novas atitudes. É necessário transformar o modo de conversar com o adolescente e atualizar o que era esperado do filho, ainda criança. Com comportamentos ora adultos ora infantis, o adolescente sente-se confuso, não sabendo em que posição – adulto ou criança - é mais vantajoso estar. Tal como afirma Blos (1998),

“O lento rompimento dos laços emocionais que o adolescente tem com a sua família, a entrada em meio a receios ou excitações, numa nova vida que lhe acena, são experiências que estão entre as mais profundas da existência humana” (p.20).

Nesse momento de transformações, vivenciado pelas famílias e seus adolescentes, vivenciado por essas gerações envolvidas em um mundo cuja característica é a da transformação rápida e, muitas vezes, desorganizadora, travam-se confrontos, geram-se encontros ou desencontro das gerações? Não podemos responder a essa pergunta sem nos debruçarmos sobre o conceito de adolescência e suas implicações no campo subjetivo.

Desde os primeiros estudos de família, adolescência e infância, nota-se que, para falar sobre família de adolescentes, não se pode excluir os processos infantis, que essa fase ultrapassa, bem como o meio em que ela está inserida. Da mesma forma, não se podem afastar as mudanças entre as gerações, pois, segundo Blos (1998), “há sempre

duas gerações interligadas de maneira significativa e crucial” (p. 10). E, segundo Dolto (2004), “não se pode estudar uma faixa etária separadamente das outras com as quais vivemos continuamente” (p. 50). Deste modo, reforçando a conexão entre a família e a adolescência, dedicamos, o próximo tópico, às características da adolescência e suas particularidades.

3.2 – A adolescência

A confluência dos estudos psicológicos sobre fatores emocionais e sociais está na base do entendimento da fase adolescente. As mudanças físicas, emocionais e biológicas caracterizam a complexidade dessa fase. Pinheiro (2001) afirma que não se “pode definir a adolescência pelo viés puramente hormonal, metabólico ou de mudança corporal e, muito menos do ponto de vista de uma faixa etária” (p. 71).

Dolto (2004) assegura que a adolescência é uma fase de mutação, acrescentando que “é uma idade frágil, mas também maravilhosa” (p. 19). Durante essa fase de “mutação”, o adolescente reproduz a fragilidade de um bebê ao nascer, pois é extremamente sensível ao olhar de outras pessoas, demonstrando que, na fase da adolescência, os aspectos infantis se alternam com os aspectos adultos.

Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) afirmam que a adolescência é o momento no qual há a revivescência dos sentimentos e das relações infantis. O relacionamento entre o adolescente e seus pais, assim como com o mundo a sua volta, transforma-se e ele pode partir de uma identificação de fusão ou de simbiose, para uma identificação relacional, na qual são incluídas outras relações e vínculos, não somente dentro da família.

No estado simbiótico, o ego materno complementa o ego do bebê, tornando-o forte e estável. Corroborando a teoria winnicottiana (1975), descrita no tópico anterior, Blos (1998) afirma que:

A dependência que a criança tem dos cuidados maternos, do influxo alimentar e do estímulo do sensorio para a sua maturação normal,

todas essas condições tornam o mundo objetal um aspecto intrínseco da existência infantil (p. 165).

Dolto (2004), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981), assim como a maioria dos autores que se dedicam a estudar a adolescência, apontam esta fase como um momento conturbado e consideram a consolidação do processo identificatório como marca central da adolescência.

A consolidação do processo identificatório pressupõe a superação da identificação narcísica, ou seja, esboça-se na capacidade do adolescente investir em novos objetos e abandonar os pais como únicos objetos de desejo, como fora outrora na infância. O suporte parental nesse momento é essencial para o jovem adolescente. Saber que ele pode recorrer à posição de dependência parental a qualquer momento, lhe traz confiança e conforto.

Segundo Winnicott (2005), crescer só é possível para o adolescente que pode assassinar os pais da infância e criar uma nova relação com eles. A família deve permitir que o adolescente saia da relação de dependência absoluta com os pais e vá em direção ao círculo social mais amplo, ou seja, em direção à independência. Esta característica familiar transmite-se de geração em geração e, como afirma Julien (2000), “pôr no mundo é saber retirar-se de modo que os descendentes sejam capazes, por sua vez, de retirarem-se também” (p.46).

Nesse processo de crescimento, há dificuldades de abandonar os objetos primários. Pinheiro (2001) afirma que o objeto a ser abandonado pelo adolescente é o mesmo que o inventou narcisicamente – seus pais.

Pinheiro (2001) corrobora a idéia de Dolto (2004), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) e afirma que “a adolescência é a hora ‘H’ onde o que ficou para trás, aguardando uma solução, retorna para que tenha um destino” (p. 71).

Blos (1998) acrescenta que a adolescência é um passo importante na vida do sujeito, pois é o momento em que ele caminha em direção ao processo de individuação. O autor afirma que este é um momento no qual

é necessário se despedir da infância e assumir novas posturas diante da vida, o que desperta sentimentos de confusão, solidão e isolamento.

Nesse processo, há lutos que permeiam o processo identificatório na fase adolescente. Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) descrevem tal processo, incluindo a família dos adolescentes e, assim, indica a impossibilidade de falar de adolescência excluindo a família e vice-versa.

- 1- Luto pelo corpo infantil – processo pelo qual o adolescente tem que se desacostumar com um corpo marcado por traços infantis e assumir um outro corpo. O sentimento deste luto é de perda e de desorientação.
- 2- Luto pela identidade infantil – processo integrado ao luto do corpo infantil. À medida que a criança vivencia a perda do corpo infantil, ela se define e elabora sua posição frente ao gênero que assumirá, renunciando ou não à bissexualidade até então vivenciada.
- 3- Luto pelos pais e pela relação da infância – processo em que o adolescente assume diferentes posições para os pais. A relação passa a ser diferente; novas responsabilidades são exigidas e novos papéis também são delimitados.

Aberastury (1966) discrimina um conjunto de aspectos e denomina a fase adolescente como a síndrome normal da adolescência. Esta síndrome se constitui pelas seguintes características: busca da identidade e de si mesmo (momento do processo de identificação em que o sujeito recorre a um grupo ou a uma figura, por exemplo: capoeirista, *pit-boy*, dentre outros); tendência grupal - tendência natural dos adolescentes que buscam, no grupo, um continente psíquico; busca de uma uniformização frente às mudanças; necessidade de fantasiar e de intelectualizar (um mecanismo de defesa do ser humano do qual o adolescente lança mão, nesta fase, para lidar com os sentimentos). As crises religiosas e o ateísmo também podem fazer parte desta “síndrome”. O deslocamento temporal e a evolução do auto-erotismo para a genitalidade (passagem

que consiste na atividade masturbatória e no contato sensual com o sexo oposto) são aspectos que também marcam esta fase.

Como descrito até então, todas as gerações incluídas no ciclo de vida familiar, vivenciam, cada um em sua evolução vital, aspectos que estão intimamente ligados. Para Dolto (2004) “...o tempo da adolescência é todo ele entrecortado de imensas alegrias e de sofrimentos tão repentinos quanto passageiros” (p.52). A autora aproxima esta vivência a um túnel, composto por inúmeros sentimentos e que não se sabe onde termina.

Como analisado ao longo da dissertação, a família com adolescentes possui particularidades. Ela se caracteriza tanto pelas peculiaridades da instituição família como pelos processos que a fase adolescente implicam. Sendo assim, as noções: de família e de adolescência, não podem ser vistas separadamente, pois o seu processo identificatório possui relações fundamentais tal como explicitamos a seguir.

3.3 Família e identificação

Kancyper afirma que “a história do adolescente nasce antes de seu nascimento” (1999, p.85). Antes de haver uma história cronológica, há uma ordem simbólica, uma ordem lógica que precede o nascimento do bebê. A ordem simbólica é o lugar que o indivíduo ocupa antes de tornar-se sujeito, ou seja, antes de seu nascimento e de sua constituição subjetiva na fantasia parental. Esta determina uma representação narcísica dos pais, constituindo o desejo primário inconsciente e tornando o filho o representante narcísico dos pais.

Esta relação entre o casal parental e o filho, tomado como representante narcísico, é um momento importante para a fase adolescente, pois é a partir da relação que os processos identitários do adolescente podem emergir, é a partir do desejo parental que o desejo do sujeito pode aparecer.

Aulagnier (1999) corrobora essa idéia e aponta que, a partir do investimento libidinal parental, o Eu pode existir como tal, possibilitando a construção de uma história singular. Para a autora, o Eu habita e investe em um corpo marcado pela história familiar. Contudo, o sujeito não é uma vítima da história, ele também atribui significado aos eventos, convertendo-se em um agente que ressignifica retrospectivamente a sua história.

A fase adolescente é marcada pelo início de um novo relacionamento entre pais e filhos. É necessário que haja certo desligamento entre eles para que possa haver uma religação, uma aproximação em nova condição. Dessa forma, pais e filhos podem “assassinar” os pais e os filhos da infância para criarem uma nova forma de se relacionarem, nessa nova etapa do ciclo vital.

Segundo Kancyper (1999), o adolescente é o autor do processo de ressignificação que a adolescência impõe, pois cada sujeito define como ele ressignificará a sua biografia.

“... o processo identificatório é sempre complexo e põe em jogo tanto o mundo interno como o mundo externo; ativa toda uma fantasmática em seus aspectos universais e na forma que adotou a história individual, e altera os equilíbrios alcançados na luta de libido com a pulsão de morte”.
(p.89)

É importante ressaltar que há muitos aspectos envolvidos nessa fase e o desligamento, tanto para pais quanto para os filhos, não se dá de forma simples. Tal como assegura Dolto (2004), a fase da adolescência é um estado de “muda”, sendo um momento difícil tanto para o adolescente quanto para a sua família.

Na adolescência dos filhos, há a revivescência da adolescência dos pais. Para Dolto (2004), este é um momento fundamental tanto para os pais e os filhos individualmente, quanto para a relação entre eles. Os pais identificam-se com seus filhos e com as lembranças dessa fase em suas vidas e sentem-se, segundo a autora, frágeis e desamparados. No momento em que os adolescentes precisam sentir segurança e acolhimento, os pais mostram-se desamparados e incomodados.

Para o adolescente, fica claro que ele precisa distanciar-se daquilo que, até esse momento, constitui a sua fonte de segurança: suas identificações parentais e o seu ideal do ego. Matar os pais da infância significa crescer, assumir o seu lugar no mundo e reconhecer o nascimento do Eu, significando assumir também as suas incompletudes, enquanto sujeito. Já para os pais, aceitar a morte do *infans* reanima sentimentos de desamparo e abandono pela perda da fantasia que reassegurava a ilusão de alcançar, por meio de fusão, o amor eterno e imutável (Kancyper, 1999.). Desse modo, lidar com os lutos que a fase adolescente implica, não apenas pela perda do bebê, mas igualmente pelo envelhecimento do corpo jovem, que não possui mais a vitalidade de antes, reativa as incompletudes parentais.

Pinheiro (2001) corrobora essa idéia e aponta que o momento da adolescência dos filhos pode ser percebido como ameaçador. O corpo da criança cresce e transforma-se em um corpo jovem. Diferentemente deste corpo jovem, o corpo dos pais não mais cresce, envelhece. Assim, entrar na roda do tempo é tornar-se mortal, passando a vida a ser concebida na seqüência da temporalidade: passado, presente e futuro.

Sarti (2004) assegura que o adolescente é visto como um problema para os adultos e indica que o lugar designado a ele pode ter dois destinos. O primeiro refere-se ao fato de ele ser o objeto de expectativas dos pais, tendo o rumo de vida traçado previamente. E o segundo diz respeito a ser a negação das questões dos pais. O desejo dos pais é que o filho suprima aquilo com que eles não conseguem lidar, pois não sabem como fazê-lo.

Quando nos referimos aos processos que ocorrem na família com adolescentes, referimo-nos aos processos que influenciam o ciclo de vida da família como um todo, ou seja, tanto aos adolescentes quanto aos demais membros envolvidos nesta fase. Desse modo, a relação entre pais e filhos mostra-se pertinente para este estudo, principalmente quando contextualizamos essa família no mundo contemporâneo, caracterizado pela rapidez de transformações, que repercutem nos relacionamentos e formas de vinculação, dentro e fora da família.

3.4 – O relacionamento entre pais e filhos no contexto atual

Em um mundo composto por valores novos, envolvendo a quebra de tradições, as mudanças geracionais lançam dificuldades, conflitos e desencontros entre os membros da família. Wagner (2005) afirma que as idéias de como educar os filhos constituem-se historicamente e, desse modo, transformam-se, devido à evolução das crenças e dos valores da sociedade. Como exemplo disso, segundo uma pesquisa realizada por Wagner (2005), observa-se que a nova geração de progenitores concebe as condutas educativas de seus pais menos satisfatórias do que as deles.

Enfatizamos que cada relação é única e precisa ser compreendida em sua complexidade, considerando-se o contexto familiar e as circunstâncias históricas, sociais e culturais.

A diversidade das configurações familiares continua surpreendendo a sociedade, principalmente quando as gerações convivem de forma próxima, em uma cultura propensa a transformar-se com rapidez. No caso da família com adolescentes do mundo contemporâneo, diferentes gerações convivem intensamente; os antigos valores, chamados tradicionais, convivem com os novos, que se estabelecem de forma contínua. Sendo assim, as famílias precisam estar abertas ao novo, precisam reinventar seus padrões e criar novos modos de relacionamento e de vinculação.

Conforme discutido no capítulo anterior, alguns autores (Giddens, 1991; Bauman, 2004; Ruffino, 2005; Birman, 2003; Roudinesco, 2003), quando se referem às famílias e aos sujeitos do mundo contemporâneo, utilizam as seguintes expressões: esmaecimento, desorientação e desamparo. A forma como esses autores se expressam diz respeito à reação dos sujeitos frente à intensa velocidade das transformações e à queda dos referenciais, que, até então, pareciam sólidos e seguros. Ao acompanharem as exigências do mundo contemporâneo, tais referenciais tornam-se fluidos e indefinidos. Corrêa (2000), referindo-se à família com adolescentes, afirma:

“Pai e mãe sentem-se esmaecidos, confusos, ambivalentes quanto aos seus papéis e quanto aos valores a serem transmitidos. A exposição a que estamos submetidos pela avalanche de transformações sociais, culturais e econômicas acaba por alterar os códigos e os valores que são usados na formulação que possamos fazer de nós mesmos e da família” (p.130).

A posição paterna, por exemplo, é um referencial que sofre, e vem sofrendo, modificações na cultura contemporânea. Marafon (2005) contrapõe dois tempos da paternidade: o primeiro, refere-se ao pai, tradicionalmente autoritário, que visava ao controle absoluto dos filhos; o segundo, diz respeito ao pai da contemporaneidade, que busca uma relação igualitária dentro da família. Essa diferença de referencial, quanto à posição do pai, é apontada como uma dificuldade para os pais de hoje. Essa dificuldade se apresenta como uma interseção: entre o conhecido e o desconhecido. Ao mesmo tempo em que os pais não se ligam diretamente ao tradicional, ao já conhecido, não possuem uma sólida referência quanto à nova forma de relacionar-se e de educar os seus filhos.

É nesse cenário, afirma Marafon (2005), que tanto a postura do pai tradicional, hoje tão severamente criticada, quanto a postura paterna contemporânea, que idealiza a proximidade, a intimidade e a amizade entre pais e filhos, podem ter o mesmo resultado: o totalitarismo de forma perversa. Segundo a autora, em ambas as posturas, os adolescentes, desde muito cedo, precisam se responsabilizar, sem ter condições para tal, ficando presos a uma responsabilidade infantil e onipotente. Desse modo, mesmo assumindo uma postura radical, a autora acrescenta um importante questionamento: será que, mesmo com todas essas mudanças sociais, tecnológicas, vinculares e relacionais, a relação entre pais e filhos transformou-se tanto assim?

Constatamos, ao longo de nossa investigação, que há uma grande dificuldade, tanto para pais quanto para os filhos, em ultrapassar a fase adolescente. Essas dificuldades são impostas pelas especificidades do ciclo de vida da família com adolescentes. Porém, diante de significativas modificações sociais, essas dificuldades parecem se intensificar. Os pais demonstram sentir a perda dos referenciais conhecidos, a partir de sua

própria educação. As velozes transformações sociais exigem novas posturas, demandando reformulações do modo de educar, de se relacionar com seus filhos.

Roudinesco (2003) afirma que todos os pais desejam que seus filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles. Nesse sentido, fica ainda mais difícil para as famílias educar, entender e relacionar-se com os adolescentes.

Salles (2005) e Wagner (2005) ratificam a idéia de Marafon (2005) em relação à perda dos referenciais e da mudança do relacionamento entre pais e filhos, afirmando que, hoje, os jovens possuem maior liberdade. Wagner (2005) aponta que os pais têm mudado ao longo das gerações e constata que, atualmente, a educação dos filhos tende a ser menos coercitiva e autoritária, sendo mais democrática e cooperativa do que em tempos anteriores.

Para Salles (2005), os pais abandonam sua autoridade e disfarçam as suas idades com o discurso “meus filhos são meus amigos”. Em consequência disso, há uma diminuição da autoridade e do controle paternos, resultando na diminuição das diferenças geracionais. Evita-se, assim, que a criança seja lembrada de sua imaturidade e dependência e que os pais sejam lembrados de seu envelhecimento. Para Salles (2005), com a ênfase na igualdade entre os membros da família, gera-se relações entre pares, e não exigências parentais. Os limites, nesse cenário, são passíveis de discussão e não há mais normas rígidas. Para a autora, na cultura contemporânea, evitam-se os conflitos e suaviza-se o que é penoso. Dessa forma, continuamos a refletir sobre o relacionamento entre pais e filhos adolescentes, no mundo de hoje: como se dá esse relacionamento no dia-a-dia; o que será que os pais pensam a respeito?

Zorning (1999), referindo-se à abertura que os adolescentes têm para o novo, para a invenção de novas possibilidades identificatórias e para a construção, afirma: “o adolescente é a modernidade” (p.143). Nesse sentido, a autora caracteriza a adolescência como um momento no qual o sujeito é lançado a um impasse, a um confronto: o crescimento. O momento do crescimento implica assumir o papel de autor, genitor das próprias fantasias inconscientes. Nesse processo de crescimento entra

em jogo o trabalho de educar, que pode ser reconhecido pelos pais como incômodo, pois, como afirma autor, “crescer é um ato agressivo” (p. 143). Em consonância com as idéias de Zorning, Sarti (2004) aponta que o adolescente é visto como quem introduz a alteridade na família. É ele quem insere, rompe, inverte ou reafirma os discursos; ele é o produtor de abalos ao discurso original.

Dolto (2004) exemplifica essa situação, remetendo-se à forma como os adolescentes se referem aos pais, chamando-os de “velhos”. Ela chama a atenção para a percepção de que os pais vivem em um mundo velho, comparado ao mundo dos adolescentes. Estes esperam mudanças na sociedade, esperam outras motivações e outros objetivos, em um ambiente que lhes parece fechado e em estagnação. Seus pais, ao mesmo tempo em que desejam que os filhos sejam como eles, esperam algo diferente de seu tempo e idealizam, em seu projeto de vida, um futuro promissor, sem sofrimento e repleto de felicidade.

Zorning (1999) também compartilha deste ponto de vista e afirma que a única coisa que os pais proíbem é o sofrimento dos filhos. O ideal da infância e da adolescência, eleito pelos pais, desconsidera a angústia e o sofrimento dos adolescentes nesta fase, sentimentos necessários para constituição subjetiva individual.

O consumismo, aspecto valorizado do contexto contemporâneo, apresenta-se como uma composição à constituição subjetiva, na medida em que escamoteia os sofrimentos tanto dos pais quanto dos filhos. É através do valor do consumo que tenta-se amenizar os sofrimentos e frustrações no mundo contemporâneo. Tal como afirma Velho (2001), o individualismo é fortemente voltado para o consumo e o sucesso material, pois cada vez mais os projetos de enriquecimento pessoal (individual) e de ascensão social fazem parte das metas de vida dos membros das famílias.

Salles (2005) analisa os motivos do consumismo na contemporaneidade e explicita que o consumo é mais uma tentativa de igualar a criança, o jovem e o adulto. O “ter” em detrimento do “ser” apresenta à cultura contemporânea o valor dos bens materiais, que trazem felicidade à vida. Para Salles (2005), são os objetos que

demarcam relações sociais, definem o estilo pessoal, hierarquizam e discriminam grupos.

Para Bauman (2004), o consumo, a formação da família e o trabalho são aspectos privilegiados na vida das famílias contemporâneas. Esses aspectos, por sua vez, estão sendo reelaborados nos dias atuais, diante da velocidade da transformação social. O autor alude à relação entre pais e filhos na contemporaneidade e assegura que “esta é uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional” e “quando se trata de objetos de consumo, a satisfação esperada tende a ser medida pelo custo – busca-se o valor em dinheiro” (2004, p. 59). O autor enfatiza que o valor financeiro que um filho despense para uma família, nos dias atuais, é muito alto e relaciona esse gasto, valorizado por uma sociedade consumista, a uma certa ansiedade:

“Num mundo que não oferece mais planos de carreira e empregos estáveis, assinar um contrato de hipoteca com prestações de valor desconhecido, a serem pagas por um tempo indefinido, significa, para pessoas que saem de um projeto para o outro e ganham a vida nessas mudanças, expor-se a um nível de risco atipicamente elevado e uma fonte prolífica de ansiedade e medo.” (2004, p. 60)

Salles (2005) ratifica as idéias de Bauman (2004), no que diz respeito às inseguranças geradas pelas transformações contemporâneas, e enuncia que há uma dependência prolongada dos filhos em relação aos pais. Ao mesmo tempo, os filhos dependem dos pais e estes se sentem presos e ligados aos filhos, por um tempo indeterminado.

A autora afirma que, em outros tempos, os filhos saíam da casa dos pais para morarem sozinhos, buscando privacidade. Nos dias de hoje, as famílias proporcionam privacidade dentro da casa dos pais. Assim, a dependência juvenil é prolongada por mais tempo. Salles (2005) enfatiza que as relações entre pais e filhos vêm se tornando mais igualitárias, o que significa uma maior abertura e um relacionamento mais amigável. O prolongamento da estada na casa dos pais é uma característica da sociedade contemporânea e do segmento

médio da população, contribuindo para a entrada no trabalho mais tardiamente, o que caracteriza a chamada “geração canguru” (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004).

O prolongamento da adolescência nos dias atuais é igualmente considerado uma característica da contemporaneidade (Lins, 2000; Salles, 2005; Féres-Carneiro, Henriques & Magalhães, 2007). Os motivos pelos quais esse prolongamento ocorre são elucidados por Lins (2000). A autora avalia o contexto sócio-econômico da família de classe média, que dificulta e adia a saída dos jovens de casa. Não somente o contexto sócio-econômico influencia o prolongamento da adolescência, mas também o culto à juventude é um importante fator que contribui para este prolongamento.

O adolescente contemporâneo é denominado, por Palmeira, Mayerhoffer, Mariz e Cardoso (2006), um “espelho da cultura” (p. 158), passando a assumir um lugar peculiar em relação aos laços sociais. Desse modo, os adolescentes desejam permanecer nessa fase pelo maior tempo possível. Isso acontece devido ao fato de a sociedade criar o “mito da felicidade na adolescência, da beleza, das realizações” (Lins, 2000, p.190). Tudo o que parece bom parece estar na adolescência. O culto ao poder jovem prolonga a adolescência e contamina o comportamento dos pais.

A tendência dos adolescentes crescerem, desenvolverem-se e tornarem-se independentes sofre transformações, na sociedade contemporânea, gerando diferentes comportamentos frente à vida e na relação com os pais.

Não são apenas os filhos que desejam prolongar sua juventude, mas os pais também. Para Maraffon (2005), os pais do mundo contemporâneo podem ser chamados de “pais adolescentificados”. Para a autora, os pais de hoje confundem sua função e não conseguem exercer o seu papel. O ideal de juventude, imposto e assumido pelos sujeitos contemporâneos, produz incômodo nos pais, que não toleram as atitudes de seus filhos e não sabem o que eles demandam. Em consonância com esta idéia, Palmeira, Mayerhoffer, Maris e Cardoso

(2006) afirmam que a família encontra-se desamparada, confusa diante da tarefa de educar os filhos:

“os pais oscilam entre atitudes contraditórias, ora permissivas em excesso, ora suprimidoras em excesso, ambas referindo-se à dificuldade em colocar e propiciar a construção de limites, indispensável ao processo de desenvolvimento” (p. 160).

Para Féres-Carneiro, Henriques e Magalhães (2007), outro aspecto, que aparece como um motivo para o prolongamento da adolescência, refere-se ao fato de a família representar um lugar de proteção e de estabilidade - sentimentos não encontrados na sociedade contemporânea e nas relações que ela produz. Assim, diferentemente da descontinuidade, do individualismo, do esmaecimento e do desamparo, a nova geração pode encontrar na família, um lugar de tranqüilidade. Ao mesmo tempo em que permanecem no ambiente familiar, os filhos reforçam uma atitude de não-enfrentamento dos sentimentos que todos os sujeitos vivenciam no mundo de hoje – o imprevisível e o incerto.

Silveira e Wagner (2006) apontam que a contemporaneidade traz significativas mudanças no comportamento parental frente ao processo de independência dos filhos. A “fase do ninho vazio” - etapa evolutiva familiar que se caracteriza pelo processo de independência progressiva do sujeito em relação à sua família de origem, sem rompimentos abruptos ou fugas reativas, apresenta-se, para ela de um modo diferente no mundo contemporâneo. Para a autora, a clássica idéia de várias gerações de que “os filhos a gente cria para o mundo”, vem sendo retardada.

Não é somente no cenário contemporâneo que os pais desejam que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles (Roudinesco, 2003). Sempre foi assim e sempre será, pois está na base da identificação parental. Sarti (2004) afirma que o adolescente possui dois destinos em sua relação com os pais. O primeiro é ser o objeto de expectativa do casal parental, assumir um rumo previamente traçado pelas expectativas dos pais. O segundo é ser a negação de questões

dos próprios pais, aquilo com que os pais não sabem lidar e que desejam ver suprimido pelo adolescente.

As expectativas parentais são aspectos que merecem destaque quando nos referimos à família com adolescentes. Crescer significa poder revitalizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite o processo de singularização frente aos modelos parentais. Dessa forma, todos os sujeitos precisam revitalizar as experiências familiares prévias. Esse processo envolve aspectos subjetivos individuais e familiares, ou seja, uma trama complexa de relações e desejos que promovem expectativas nem sempre atendidas e/ou superadas.

Sampaio (2004) considera as expectativas dos pais como um dos equívocos que gera conflitos durante a adolescência dos filhos. Para ele, não faz sentido “a idéia de que pais e filhos adolescentes devem estar de acordo e ter a mesma visão do mundo” (p. 33), pois as diferenças geracionais são um traço essencial da família “saudável”. Desse modo, é necessário que haja, na família, opiniões diferentes e confronto de idéias.

A família com adolescentes apresenta, em seu ciclo de vida, uma complexa trama de relações familiares. Essa mesma família, inserida em um contexto social, encontra-se ainda mais enredada, ainda mais envolvida e desorientada, em um mundo que não oferece suporte, estabilidade e segurança. A insegurança sentida pelos sujeitos, no contexto atual, não ocorre apenas pela falta de segurança social, mas também é notada a partir da sensação de deriva, da falta de compromissos, de laços afetivos sólidos, de incertezas e de instabilidades, que assolam o universo pós-moderno.

As expectativas dos pais em relação aos filhos variam de acordo com os aspectos da organização familiar, tais como o tempo histórico, as heranças, os mitos e os segredos familiares. As crenças, os valores, os costumes familiares e seus ritos podem ser facilitadores ou limitadores para os pais e os adolescentes lidarem com as situações de mudança e com as experiências emocionais desafiadoras.

As expectativas parentais também estão voltadas ao mercado de trabalho – segmento que, na contemporaneidade, mobiliza as relações familiares. A maior participação da mulher no mundo de trabalho e a visão

dos pais frente ao prolongamento da estada dos filhos em casa, em função do tempo considerado necessário para a profissionalização, são aspectos que se relacionam.

Os papéis familiares bem definidos, tal como na sociedade tradicional, vêm se diluindo. O papel da mulher não é diferente, mostra-se raro o ideal de família com a mulher apenas como dona-de-casa. A igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho é uma busca, principalmente para as mulheres da nossa sociedade, e faz parte da expectativa parental. Rocha-Coutinho (2007) afirma que as famílias educam suas filhas para competirem e crescerem profissionalmente, tornando-as competitivas, levando-as à busca do sucesso pessoal, primeiramente na escola e, em seguida, no trabalho, como os homens. Segundo a autora, ao mesmo tempo em que se espera que as mulheres sejam bem sucedidas profissionalmente, elas “ainda são treinadas para ser o sustentáculo das famílias, como esposas e mães” (p.160). Além disso, a autora mostra que há, nas expectativas parentais de hoje, a coexistência de ambas as posições: de um lado, a visão tradicional da mulher – relacionada à antiga posição patriarcal; de outro, a afirmação das revoluções, tal como o processo industrial trouxe à tona, que visam ao sucesso, à individualidade, à realização pessoal e à igualdade entre os sexos.

Diante dos sentimentos presentes na contemporaneidade, tais como o da incerteza, da insegurança, da instabilidade e da desorientação, pesquisas apontam que o mercado de trabalho é um fator que causa importantes repercussões ao convívio familiar (Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães, 2006). A geração dos pais, marcada pelos valores da durabilidade, do compromisso e da lealdade, almeja o modelo hierárquico tradicional de empresa, contrapondo-se à geração dos filhos, marcada pela perspectiva do curto prazo e caracterizada pela busca da liberdade e ausência de hierarquia. A geração dos filhos é, por sua vez, marcada pelo imediatismo, pelo provisório e pela velocidade de informação, sendo oposta aos valores da geração dos pais. Dessa forma, segundo as autoras, o discurso dos pais, referente à acomodação dos

filhos, evidencia a dificuldade de entendimento quanto à diferença entre as gerações.

A permanência prolongada dos filhos na casa dos pais e a crise econômica fazem do ambiente familiar um lugar com características diferentes das encontradas na sociedade, ou seja, é um espaço de laços duráveis, sólidos e de apoio. A permanência dos filhos não ocorre apenas devido às dificuldades econômicas de um país em crise, mas, também, devido à tentativa dos filhos de não enfrentarem a sensação de insegurança, de incerteza e de imprevisibilidade, que afeta os sujeitos do mundo contemporâneo. Da mesma maneira que os filhos procuram o aconchego do lar, visando à sensação de segurança e de conforto, os pais também se sentem ambivalentes em relação à autonomia dos filhos. Ao mesmo tempo em que querem filhos independentes, os pais contribuem para o prolongamento da dependência financeira e emocional dos filhos.

Pais e filhos confrontam-se, encontram-se e desencontram-se geracionalmente, confluindo, assim, as dificuldades, os prazeres, as conquistas e os desafios do ciclo de vida. É importante reafirmar que cada relação é única e precisa ser compreendida em sua complexidade e singularidade. Assim, dedicamo-nos, no próximo capítulo, ao estudo de campo, ou seja, uma investigação com casais com filhos adolescentes.

4

O Estudo de Campo

4.1 – Ouvindo as famílias com adolescentes

A partir do contato com famílias cujos filhos estão na adolescência, observamos a presença de queixas sobre a desorientação e a dificuldade de lidar, de se relacionar e de entender os adolescentes, sendo esses os principais pontos abordados nas sessões de atendimento às famílias.

Diante das características do mundo contemporâneo, em um grande centro urbano, como é o caso do Rio de Janeiro, chamam-nos a atenção os aspectos sócio-históricos e culturais. Somado a isso, surgem as queixas familiares a respeito tanto de seus filhos adolescentes como da forma de se relacionarem com eles.

A partir de então, objetivamos ouvir o que as famílias com adolescentes pensam e sentem a respeito dessa fase, utilizando como base metodológica, a análise do discurso desenvolvida por Nicolaci-da-Costa (2007). O MEDS (Método de Estudo do Discurso Subjacente) é um método exploratório de pesquisa no qual avalia o discurso dos entrevistados, as sensações e as impressões da pesquisadora.

Apresentamos, neste capítulo, o desenvolvimento da pesquisa de campo realizada com sete casais, pais de adolescentes, moradores da zona sul do Rio de Janeiro. Primeiramente, definimos os objetivos que direcionam a pesquisa de campo, os participantes e os procedimentos metodológicos aplicados, para, posteriormente, analisarmos e discutirmos os dados coletados.

4.2 - Objetivo

Diante do contexto referido, nosso principal objetivo é o de investigar a família com adolescentes, focalizando a percepção dos pais sobre a adolescência dos filhos no mundo contemporâneo. Abordamos, ainda, a vivência dos pais em suas próprias adolescências, buscando as ressonâncias entre as gerações. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com o

objetivo de ouvir as famílias com adolescentes, tentando compreender através delas, como estas gerações se encontram, desencontram-se e/ou confrontam-se.

4.3 – Participantes

Realizamos entrevistas com sete casais, pais de adolescentes, com idades entre 40 e 65 anos, casados, que coabitam com os filhos, cuja faixa etária está entre os 15 e os 21 anos. Todos os casais são moradores da zona sul do Rio de Janeiro, pertencentes à classe social média e média-alta da sociedade carioca. Seus filhos estudam em escolas particulares da zona sul ou cursam os primeiros períodos de faculdade pública ou privada.

Considerando o ciclo de vida da família com adolescentes em um mundo repleto de mudanças, elegemos esta faixa etária como objeto do nosso estudo. Optamos por entrevistar conjuntamente o casal de pais, isto é, o casal parental. Assim, também visamos a analisar a interação do casal, no tocante à percepção da vivência dessa etapa da vida familiar.

A seguir, descrevemos algumas características dos casais entrevistados e a respectiva composição familiar, para que possam ficar mais claros a análise e o entendimento dos dados, que explicitamos adiante. Para mantermos a identidade dos entrevistados em sigilo, escolhemos apresentá-los com nomes fictícios.

C1 – A família do casal 1 (C1) é composta por Maria (52 anos), Hélio (53 anos) e três filhos. Maria é professora de química e Hélio é engenheiro mecânico. A filha mais velha tem 19 anos e está no segundo período da faculdade de engenharia. O filho do meio, de 18 anos, ingressou no primeiro ano de engenharia, no início de 2007. O filho mais novo do casal tem 16 anos e encontra-se cursando o ensino médio.

C2 – A família do casal 2 (C2) é composta por Bianca (50 anos), Guilherme (51 anos) e duas filhas. Bianca é professora e Guilherme é economista. A filha mais velha tem 20 anos e cursa o segundo ano da faculdade. A mais nova de 17 anos está no colégio, preparando-se para o vestibular.

C3 – A família do casal 3 (C3) é composta por Carolina (47 anos), Rubens (48 anos) e um casal de filhos. Carolina é administradora de imóveis e Rubens é empresário. O filho mais velho tem 18 anos e a menina tem 16. Os dois ainda frequentam a escola, mas o mais velho prepara-se para o vestibular.

C4 – A família do casal 4 (C4) é composta por Cristiana (40 anos), Rafael (44 anos) e um casal de filhos. Cristiana é do lar e Rafael é comerciante. O filho mais velho tem 17 anos e está preparando-se para o vestibular, enquanto a filha mais nova, de 14 anos, cursa o ensino fundamental.

C5 – A família do casal 5 (C5) é composta por Juliana (40 anos), Leonardo (42 anos) e um casal de filhos. Juliana é professora e dona de academia e Leonardo é empresário. A filha mais velha tem 16 anos e está no ensino médio, enquanto o mais novo tem 14 anos e cursa o ensino fundamental.

C6 – A família do casal 6 (C6) é composta por Mariana (42 anos), Gustavo (46 anos) e duas filhas. Mariana é professora e Gustavo é diretor administrativo de uma universidade particular. A filha mais velha tem 18 anos e prepara-se para o vestibular, enquanto a mais nova tem 16 anos e ainda cursa o ensino médio.

C7 – A família do casal 7 (C7) é composta por Fernanda (56 anos), Marcelo (65 anos) e uma filha. Fernanda é advogada, assim como Marcelo. A filha do casal tem 18 anos e inicia, no segundo semestre de 2007, o primeiro período da faculdade de direito.

Na apresentação da análise do discurso, as falas dos entrevistados aparecem entre aspas e são identificadas com o nome e o número relativo ao casal.

4.4 – Procedimentos da pesquisa e coleta de dados

Para analisar o discurso dos pais de adolescentes, utilizamos o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007). O Método de Explicitação do Discurso Subjacente, emprega noções da teoria psicanalítica e da lingüística e caracteriza-se por

englobar não apenas os dados colhidos, mas também as observações e impressões que o entrevistador de campo tem sobre o estudo proposto. Desse modo, ele alia a concepção da língua a um contexto – o discurso.

A coleta de dados, descrita pelo MEDS como um procedimento importante, é realizada através de entrevistas presenciais, com ambos os pais, na casa do casal, por escolha dos mesmos. No primeiro contato telefônico, com o intuito de fornecer aos entrevistados o local que lhes fosse mais confortável e visando a propiciar um ambiente de acolhimento e de tranqüilidade, é perguntado a cada casal onde eles gostariam de marcar a entrevista.

O roteiro, criado por nós (anexo 1), consta de oito perguntas abertas. Ele, considerado um “roteiro invisível”, é elaborado como um norteador. Sua proposta é permitir que os entrevistados falem de forma espontânea sobre o que pensam a respeito do tema, previamente determinado pelo entrevistador na elaboração do roteiro.

Com o intuito de demonstrar a seriedade do estudo de campo e o compromisso ético do mesmo, a pesquisa é apresentada no primeiro contato feito com o casal e no ato do encontro. É apresentado um termo de consentimento informado. Somente após a leitura, o esclarecimento das dúvidas e a assinatura do termo pelo casal, a entrevista é iniciada.

Após a coleta dos dados, as entrevistas são transcritas na íntegra, tal como o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007) indica. Na transcrição, as falas dos entrevistados não devem sofrer alterações para que não influencie a análise do discurso dos participantes. Após a fiel transcrição, lançamos mão da análise de discurso para avaliar como os entrevistados se posicionam em relação ao tema abordado. A análise dos dados coletados está dividida em duas etapas. A primeira, refere-se à análise inter-participantes. A segunda, diz respeito à análise intra-participantes. A análise inter-participantes consiste em uma visão ampliada da amostra. Assim, é possível delinear as respostas comuns, as tendências centrais dos resultados e levantar categorias a serem analisadas.

Já a análise intra-participantes caracteriza-se pelo exame individual do discurso de cada participante. Nesta etapa, é possível identificar conflitos, contradições, novos usos de linguagem e novos conceitos existentes no discurso dos entrevistados. Além das identificações obtidas através da análise

inter-participantes, o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007) privilegia o que é percebido pelo entrevistador, além das falas gravadas. De acordo com o Método de Estudo do Discurso Subjacente, as emoções, os incômodos, as discussões, mesmo inesperadas, são importantes aspectos a serem observados e descritos na análise dos dados. O método possibilita, ao considerar tanto as falas como o seu contexto, a obtenção de resultados que incluem a análise dos dados e a posição da entrevistadora frente a esse discurso.

Após o cruzamento dos dados encontrados em ambos os estudos – inter e intra-participantes –, levantamos algumas categorias. A seguir, as categorias são explicitadas com o intuito de aprofundarmos a compreensão sobre a família com adolescentes na contemporaneidade e na visão dos pais. Para tal, apresentamos a análise e a discussão dos dados encontrados.

4.5 – Análise das entrevistas e discussão dos resultados

4.5.1 - O impacto dos entrevistados frente à situação da entrevista

Quando perguntados sobre a disponibilidade de responder às perguntas da pesquisa, é dito ao casal que as perguntas referem-se à relação entre pais e filhos. Deste modo, o impacto, percebido pela entrevistadora, é visto no modo como o tema delinea-se, para os casais entrevistados, como um assunto surpreendente.

Depois da primeira pergunta *“Como vocês estão vivenciando o momento atual do desenvolvimento dos filhos de vocês?”*, seis dos sete casais entrevistados reagem demonstrando surpresa. Através de sorrisos, troca de olhares entre os membros do casal, repetição da frase perguntada, expressões faciais e expressões verbais, pode-se notar a surpresa diante do tema, tal como os exemplos abaixo.

“Pergunta complicada essa... como nós estamos vivenciando...?”

(C1)

“é... o que posso dizer..?”

(C2)

“Complicado...” (sorrisos e troca de olhares)

(C3)

Pode-se pensar que a surpresa, expressa pelos casais, refere-se à complexidade e à dificuldade de falar sobre o tema estudado.

Diferentemente dos seis casais que se surpreendem inicialmente, C5 demonstra que as perguntas apresentam-se complexas no decorrer da entrevista. Juliana diz de forma descontraída:

“Você está fazendo perguntas muito difíceis...” (risos)

Parece-nos que o humor utilizado pela entrevistada é uma forma de lidar com a dificuldade de abordar o tema.

Outra situação que se delineia como importante, conforme as impressões da entrevistadora em relação ao casal de pais dos adolescentes, é o interesse pela conclusão do trabalho. Quando encerrada a entrevista, cinco dos sete casais entrevistados demonstram muito interesse nos resultados da pesquisa. Mostram-se muito interessados no teor da pesquisa e alguns deles solicitam-nos a cópia do trabalho, depois de finalizado.

“Acho que esse trabalho deve ficar muito interessante... depois avisa para a gente quando ficar pronto. Vai ser legal ver o que você concluiu”. (C2)

“Espero ter podido ajudar você... depois me manda o resultado do seu trabalho para a gente melhorar o relacionamento com nossos filhos... queremos melhorar sempre... quem sabe você não dá uma dica na conclusão?”

(C3)

Este fato pode demonstrar, a nosso ver, uma certa dificuldade no relacionamento e na educação dos filhos adolescentes. Os pais mostram-se

interessados em obter respostas frente a algo que pode trazer dificuldades para eles. Talvez, o casal visse na figura da entrevistadora, especializada no assunto, a possibilidade de obter respostas às suas dúvidas, dificuldades e inseguranças.

Além dessa atitude, os membros do casal mostram interesse de que a entrevistadora conheça seus filhos pessoalmente ou através de fotos. Ora ao final da entrevista, ora no meio dela, buscam fotos ou os próprios filhos, tentando, a nosso ver, uma intimidade entre a família e a entrevistadora, já que os aspectos abordados relacionam-se com eles de forma tão íntima.

4.5.2 – Impressões da entrevistadora frente à situação de entrevista.

Como explicitado pelo MEDS, a situação de entrevista tem, para a pesquisadora, uma função diferenciada. O olhar, o entendimento e as palavras soam, para quem está no trabalho de campo, de uma maneira peculiar. O interesse pelo tema une-se à experiência de realização da entrevista. Esse tópico, portanto, destina-se à exposição das relevantes, importantes e interessantes observações da entrevistadora frente à situação de entrevista.

Como mencionado anteriormente, o roteiro invisível é o norteador para o contato com os casais entrevistados. As perguntas do roteiro não se referem à expressão adolescente ou adolescência – importante tema dessa dissertação. Contudo, a expressão apresentada aparece, espontaneamente, em todas as entrevistas realizadas. Mesmo nas falas dos casais que possuem filhos com idades mais avançadas como 18, 19 e 20 anos, o termo adolescência foi escolhido para abordar o momento atual do desenvolvimento de seus filhos. Porém, no transcorrer da entrevista, os casais, muitas vezes, denominam a fase como juventude ou reportam-se ao grupo dos jovens. Esse dado evidencia a dificuldade de expressar um termo preciso que defina as características dessa fase do desenvolvimento dos filhos, tal como delineado no primeiro capítulo.

Outro fato que nos chama a atenção é que, em todos os casais entrevistados, os homens falam muito mais do que as mulheres. Mesmo as perguntas sendo direcionadas ao casal, percebemos que os homens falam, espontaneamente, por um longo período de tempo e com muita satisfação.

Esse fato pode demonstrar a diferença, elaborada nos capítulos anteriores, entre a sociedade tradicional e a contemporânea. Na sociedade tradicional, a mãe dedica-se ao cuidado dos filhos. É a ela que se destina o zelo e também as dificuldades e os questionamentos que o crescimento deles pode suscitar. O pai não sabe o que se passa com os filhos. Ele é apenas a figura de autoridade e de poder. Nas famílias entrevistadas, a figura paterna, diferentemente dos tempos tradicionais, pode questionar-se, revelar-se e expor opiniões a respeito dos filhos, não mais destinando essa função unicamente à mãe.

Diante das várias mudanças relacionadas aos novos papéis familiares, como o ingresso da mulher no mercado competitivo de trabalho, a opção do sexo por prazer para as mulheres, à pílula anticoncepcional, dentre outros aspectos, a figura paterna pode demonstrar, em sua atitude, a transformação da sua função na família contemporânea. Será que, por meio desse intenso discurso paterno, esta é uma forma de os homens demonstrarem que eles também entendem e se interessam por sua família? Analisamos uma possível resposta a este comportamento, observado nas entrevistas realizadas, que pode apontar para uma diferença significativa do modelo tradicional, evidenciado nos séculos passados.

É importante mencionar também que as entrevistas realizadas fazem emergir questões relacionadas ao casal parental, ou seja, à condição do casal como pais. Durante as falas dos entrevistados, somente dois dos sete casais referem-se à relação do casal como casal conjugal – relação entre os membros como homem e mulher. Esse fato mostra-se muito interessante e importante para nós pesquisadoras, apresentando-se como um dado. Nessa dissertação, porém, apresenta-se apenas como possibilidade de um trabalho futuro, no qual poderemos questionar: como se dá a influência entre o casal conjugal e o casal parental, no ciclo de vida com adolescentes?

4.5.3 – Categorias de análise:

1) Definição de adolescência na visão dos pais

Em todos os casais participantes, notamos que há dificuldades em definir a adolescência. Ora os pais utilizam o termo jovem, ora adolescente,

evidenciando dificuldades na caracterização dessa etapa do desenvolvimento de seus filhos. Na literatura, há também uma multiplicidade de termos empregados tais como puberdade, adolescência e juventude. Levi e Schmitt (1996) afirmam que a “juventude é algo irreduzível a uma definição estável e concreta” (p. 8). Tal como afirma Ruffino (2006), a juventude é definida como “a expressão do cenário social do conjunto dos sujeitos humanos que estão às voltas com o processo psíquico da adolescência, o que inclui o púbere, depois o chamado *teen-ager*, e também o jovem adulto” (2005, p.11). Desse modo, conforme ilustram os fragmentos abaixo, os dados colhidos em nossa investigação corroboram os trabalhos dos autores acima.

“Eu, que tenho contato com bastante jovem, tô bastante satisfeito com o que a gente vem desempenhando... eu fiz um seminário para os jovens da escola delas e falei de esportes, como os jovens deveriam se comportar nos ambientes... o adolescente é assim mesmo... tem muita informação e pouca atitude”. (Gustavo, C6)

Tal como designados nos dicionários, na literatura específica e ressaltados pelas falas dos entrevistados, as noções de adolescência e de juventude englobam aspectos dinâmicos. Esse aspecto, observado por nós, denota a dificuldade de caracterizar precisamente a adolescência, não apenas encontrada na literatura, mas também na fala dos pais entrevistados, pois ambos os conceitos – adolescência e juventude – aparecem como sinônimos.

De acordo com a discussão apresentada no primeiro capítulo, frente à literatura específica sobre a adolescência e aos dicionários de Língua Portuguesa, percebemos que há um desencontro no tocante às respostas parentais a respeito das idades que compreendem a adolescência. Para os pais entrevistados, essa dificuldade também é sentida e expressa verbalmente.

“A adolescência hoje pode ser definida como a falta de compromissos mais sérios, um momento de descobertas do mundo, novas experiências, momento que compreende dos 14 aos 20 anos de idade. (Carolina, C3)

“Ah... eu ia puxar para os 14 anos... indo até os 21 anos. É muito bom ser adolescente hoje”. (Rubens, C3)

“Acho que a adolescência vai até perto dos 30 anos... deveria ser um período de passagem entre a infância e a vida adulta, mas não é mais isso, ela se estende, vai se alongando e se torna longo demais. Os filhos ficam na casa dos pais com uma estrutura ótima e ainda ganham mesada (...) os pais ainda dão mesada..”. (Mariana, C6)

A faixa etária que compreende a adolescência é um dos aspectos que dificulta a sua caracterização, evidenciando a complexidade dessa noção. Notamos que os membros do casal divergem quanto à faixa etária que caracteriza a adolescência. Nesse sentido, consideramos que as características da contemporaneidade vêm aumentando a desorientação dos pais e a descontinuidade entre as gerações, o que contribui para a dificuldade na caracterização desse período de desenvolvimento.

Aberastury (1966), Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) definem, de forma didática, a fase adolescente e os aspectos que a contém. Aspectos elucidados por esses autores como característicos dessa fase são mencionados por alguns casais entrevistados (quatro).

“Eu acho que a adolescência faz você pensar. Porque realmente é diferente, ele não tem medo de nada, aposta em tudo, ama todos (...) te ama para cima e para baixo. Não tem responsabilidades quase nenhuma, só com o estudinho deles. É um desafio e uma coisa maravilhosa! A adolescência é um momento de definição mesmo. Porque é nesse momento em que você experimenta várias sensações: acontece o sexo, as drogas e o álcool... Mas é na adolescência que você tem vergonha de dizer não (...) quando você é adulto, fica mais fácil dizer não, tô fora! O adolescente, de repente, entra no grupo... ai... é um momento de definir a personalidade, tem muita mudança corporal, é um momento de definição e de transição que define muito o que vai ser o futuro..”. (Juliana, C5)

“É uma fase de preocupação, muita preocupação. Uma fase da vida que tem um limite... chega a responsabilidade profissional, de formação, de estudo”.
(Rafael, C4)

Como percebido acima, as mudanças corporais, a falta de compromisso, a chegada da responsabilidade, a definição da personalidade e a identificação grupal são alguns aspectos mencionados pelos autores que se dedicam à adolescência e também pelos pais sobre a definição dessa fase. Os casais C4 e C5 apontam essas características de forma nítida.

A busca da identidade individual é um aspecto apontado por Aberastury (1966) na fase adolescente. A aceitação do grupo, em que o adolescente pretende ser reconhecido, apresenta-se como uma tendência natural do processo de individuação. Nesse sentido, as identificações grupais apresentam-se na fala de três casais entrevistados como algo natural e também presente na geração dos pais, quando adolescentes. Contudo, para um dos casais entrevistados, as variações dos grupos podem ser assustadoras.

“Em uns 5 anos que ela fazia parte do MAP, você sabe o que é MAP? Esses meninos que andam de preto. Tem até em uma comunidade na internet... mas não tem nada demais, são pessoas que gostam de desenho japonês. Ela passou por essa fase e já está em outra. Graças a Deus porque ela só vestia preto. Era horrível.” (Bianca, C2)

“Isso assusta porque é um comportamento diferente do nosso tempo. No nosso tempo, era o playboy. Essa coisa assim, mais para cá. Esse comportamento de cortar os cabelos ou cortar só com aquela coisa (...) moicano, andar toda de preto, usar aquelas botas de cano alto. Eu acho feio aquilo... Mulher tem que estar bonita, por outro lado, não assim, grotesca...” (Guilherme, C2)

Podemos pensar que essa diferença, que pode assustar a esse casal de pais, apresenta-se como a distinção entre as gerações e entre o tempo vivido e o tempo atual. Esse tempo atual é novo, pois se encontra na interseção do

tempo conhecido (vivido) e do tempo desconhecido (atual). Ao mesmo tempo em que os pais reconhecem que a tendência grupal é necessária, estranham os novos grupos que se formam em um novo momento, o da contemporaneidade. O impacto do casal parental, frente a essa diferença, pode significar o descontrole frente ao novo, ao desconhecido e também certa desorientação diante de mudanças que se impõem às relações familiares.

Como analisamos nos capítulos anteriores, a adolescência pode ser considerada um período de crise, momento de profundas mutações, questionamentos e incertezas. Dolto (2004) aponta que a adolescência é uma fase de mutação: “é uma idade frágil, mas também maravilhosa” (p. 19). Os lutos a serem elaborados, os novos desafios, as mudanças corporais e as exigências externas, para o sujeito que se direciona à vida adulta, também compõem a fase complexa que o adolescente vivencia. Contudo, os sentimentos da adolescência são apontados apenas por uma mãe (Maria, C1).

“Eles (os adolescentes) querem tanta coisa... eu acho que é uma busca muito grande... a satisfação, não sei se de felicidade... aquela coisa idealizada e, às vezes, acho que eles sofrem mais. Eu não estou falando deles conosco, estou falando deles com eles mesmos... Eu acho que eles se questionam mais..”.
(Maria, C1)

Este fato nos chama atenção, pois seis dos sete casais entrevistados não se detêm, em momento nenhum, nos sentimentos dos filhos, ou seja, não abordam diretamente a complexidade das emoções envolvidas nessa fase do desenvolvimento, que são tão importantes para a constituição subjetiva dos adolescentes.

As diferenças entre os comportamentos, que caracterizam a fase adolescente, são apontadas por quatro casais entrevistados de forma espontânea. Como afirma Dolto (2004), os pais que vivenciam a adolescência dos filhos revivem as suas adolescências. Para a autora, esse é um momento fundamental, tanto para os pais e os filhos individualmente quanto para a relação entre eles. Os pais identificam-se com seus filhos, lembrando-se dessa

fase em suas vidas, e sentem-se, segundo a autora, frágeis e desamparados. Nessa fase do ciclo de vida da família, outros aspectos são atualizados para pais e filhos, tal como o envelhecimento do corpo dos pais e a constatação da finitude de suas vidas com o envelhecimento e possível morte de seus pais.

Como vimos, Sarti (2004) afirma que o adolescente é visto como um problema para os adultos. Ela indica que o lugar designado ao adolescente pode ter dois destinos: ser o objeto de expectativas dos pais, tendo o rumo de vida traçado previamente, e ser a negação das questões dos pais, pois o desejo do casal parental é que o filho suprima aquilo com que eles não conseguem lidar, pois não sabem como fazê-lo.

“Eu era bem mais quieta, eles são muito agitados... gostam de badalação, festa, sair, amigos... eu era bem.. bem menos. Eu sempre gostei de dormir cedo, acordar cedo, correr.” (Juliana, C5)

“Eu acho que a gente tinha muito mais jogo de cintura do que eles... apesar deles terem mais recursos do que a gente, né? A mídia, eletrônicos, de tudo, né?” (Mariana, C6)

“Eu acho é a influência externa que a gente tem, que o jovem tem de fora é muito grande, por exemplo, na nossa época, uma, duas horas da manhã era tarde porque a noite começava às nove da noite então... e todo mundo tinha aquela cultura da praia. A praia era uma coisa obrigatória do carioca. Hoje em dia, se der tempo, vai à praia, se não der (...) Porque a noite começa uma hora da manhã e termina às seis (...) e tem que dormir até tarde...” (Gustavo, C6)

A partir das falas dos casais, fica nítida a tendência à comparação entre a adolescência dos pais e a de seus filhos. Nessa comparação, surgem os aspectos sociais, comportamentais e emocionais. Para alguns pais, as comparações tecidas sobre a adolescência dos filhos é apontada como algo negativo. Podemos pensar que essa negatividade da adolescência dos filhos pode ser uma forma de os pais darem um destino que atenuie suas inseguranças e desorientações. Além disso, por meio dessa postura crítica, os

pais podem se distanciar daquilo que, de algum modo, desperta alguma mobilização neles próprios.

2) Valores: Herança Geracional

É importante ressaltar que a comparação geracional permeia todas as respostas dadas pelos casais. Em algum momento da entrevista, todos os membros dos casais explicitam essa comparação.

“Na minha época, era diferente...”.

Essa comparação aparece junto à expressão descrita acima, denotando, na fala dos casais entrevistados, as diferenças entre as gerações de pais e de filhos.

As famílias possuem suas próprias leis e regras que fazem parte de um sistema herdado e desenvolvido por pais e filhos. Esse padrão de relacionamento varia de acordo com cada momento histórico, as expectativas e a singularidade de cada família. Esses aspectos são transmitidos de geração a geração. Dessa forma, os sentimentos envolvidos, principalmente na fase adolescente dos filhos, não se restringem apenas ao difícil processo de crescimento do adolescente, mas incluem os aspectos internos e também familiares de todos os membros da família, montando-se, assim, uma rede complexa de relações. Quatro dos casais entrevistados percebem a transmissão geracional de valores e se esforçam em aprimorar essa transmissão, tal como afirmam Carolina (C3) e Gustavo (C6).

“É lógico que vai passando de geração em geração e você tende a não repetir os erros dos nossos pais... eu tenho uma cabeça mais aberta do que a da minha mãe e eu tenho que chegar na idade da minha filha lembrando da minha época entendeu?” (Carolina, C3)

“Meus pais eram mais caretas. Meus pais eram mais rigorosos, então o que contrabalançava era assim (...) era a liberdade da minha mãe. Então, eles

traziam muito ainda, eu acho que a herança dos pais deles, esse negócio todo.” (Gustavo, C6)

No discurso dos pais de adolescentes entrevistados, são abordados os valores transmitidos e recebidos das famílias de origem. Os papéis, as organizações, as regras, as tradições, os valores e as normas familiares são derivados de experiências anteriores ao crescimento dos pais em suas famílias de origem. Acrescentam-se a isso os valores sociais atuais, os de suas famílias e as histórias familiares.

Para os casais C1, C2, C3 e C5, os aspectos descritos como valores transmitidos pela geração precedente e pelos pais dos adolescentes aparecem como a herança geracional. Todos os casais entrevistados mencionam aspectos herdados. Destacam-se valores como o trabalho, a amizade, a espiritualidade, a autoconfiança, a saúde, a escolaridade e a valorização dos bem materiais adquiridos.

“É... eu acho que a gente sempre soube passar o valor do dinheiro, o quanto a gente trabalha...”. (Maria C1)

“A melhor herança que se deixa para um filho é o estudo e ele (o pai) sempre falou para mim para não depender de dinheiro de ninguém...” (Bianca, C2)

“Esporte como algo para se obter autoconfiança e ficar bem com você. Não é fazer um esporte para agredir os outros. É uma filosofia de vida, de autoconhecimento, de se sentir bem. A luta passa esse valor.” (Rubens, C3)

“O esporte é muito importante, muito. O esporte, a atividade física, a pessoa gostar disso é muito importante na adolescência, eu acho. Acho muito importante, pelo menos eu tô falando de mim... Eu era atleta, então eu sabia que eu não podia fazer uma coisa ou outra porque eu tinha competição no dia seguinte... a noite, a bebida, eu não bebo, entendeu?” (Leonardo, C5)

“Damos condição, um bom colégio, tranqüilidade, um ambiente legal para eles conseguirem trilhar o caminho deles... a paz interior, né? A espiritualidade é importante, muito importante.” (Juliana, C5)

“Meu pai sempre acostumou a gente com isso e eu também sempre gostei de trazer gente para casa... ele gostava de casa cheia! Eu acho que eles vão pelo mesmo caminho. Eles têm muitos amigos. Acho isso importantíssimo.”(Leonardo, C5)

Esses valores são considerados pelo casal parental como o maior bem que pode ser deixado para a geração posterior e que, também, foi herdado de seus pais. Podemos entender a grande importância que esses valores possuem como uma resposta à sociedade contemporânea e às suas características. Para Bauman (2004), em uma sociedade em que os valores são descartáveis e líquidos, os pais parecem recorrer aos seus valores conhecidos e estáveis, como forma de assegurar alguma certeza frente ao momento que seus filhos vivem.

3) Diálogo, liberdade e controle

As relações familiares tradicionais, que são marcadas pela grande diferenciação e hierarquia entre pais e filhos, apresentam-se diferentes no mundo contemporâneo. Mães e filhos nas famílias tradicionais, cumprem as regras determinadas pelo pai e marido que vigora como uma figura de poder na família. Neste cenário, as mães dedicam-se aos cuidados e ao zelo dos filhos enquanto o pai, figura forte e autoritária, provê o bem-estar econômico do lar. A comunicação, o diálogo aberto e amigável, não faz parte das relações familiares tradicionais. Para todos os casais entrevistados, o diálogo aparece como uma diferença marcante entre as gerações. Contudo, ele é também uma importante forma de controle.

“Na nossa época os pais participavam muito menos da minha vida do que eu da vida deles (os filhos). Eu vivia muito a minha vida e não tinha essa participação. Hoje, com certeza o diálogo é muito maior... O relacionamento

entre pai e filho é muito mais próximo do que era. Eu nunca conversei sobre droga, sobre sexo com o meu pai, muito menos com a minha mãe. (Maria, C1)

“Eu com 18 anos nunca imaginei tomar um chope com o meu pai. Eu tomei depois dos 22 anos. Então hoje é diferente. Há uma liberdade maior do que você tinha naquela época. Você conversa, fala: pô, vamos tomar um chope? Vamos. Pai e filho tomando um chope é muito mais comum!” (Rubens, C3)

Os casais entrevistados notam uma significativa mudança no relacionamento entre pais e filhos e valorizam esse novo modo de se relacionarem em suas famílias. Porém, diante de um mundo mais livre, no qual as relações precisam ser readaptadas e ressignificadas, essa liberdade é usada também como controle para investigar os passos dos filhos e até os seus pensamentos. Assim, o diálogo é uma ferramenta atual de aproximação, cujo objetivo é o de penetrar na intimidade dos adolescentes.

Atitudes contraditórias, tais como a da liberdade e a do controle, aparecem no discurso dos casais entrevistados. Três dos sete casais apresentam essa contradição em suas falas. Esse comportamento é analisado por Mayerhoffer, Maris e Cardoso (2006) como uma das características da confusa tarefa de educar os filhos no mundo contemporâneo. Para as autoras, frente ao desamparo familiar que a contemporaneidade propicia, os pais agem ora com liberdade, ora cerceando o ir e vir dos adolescentes, tal como descreve Rafael (C4).

“Para quem tem uma criação como a gente dá, eu acho que é seguro. O problema é quem não tem aquela presença em casa, né? Que você domina e que conversa... Então, tendo isso, eu acho que tudo bem. Pode chegar a essa liberdade que pode controlar. Quem não conversa, quem não chega junto para ver o que tá acontecendo, é complicado... na escola, no dia-a-dia... Porque eles acabam fazendo o que querem. Agora, tá tranquilo, tá controlado. Daqui a dois anos eu não sei como vai ser...” (Rafael, C4)

A fala de Rafael (C4) demonstra a construção de limites, indispensáveis ao processo de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, uma insegurança acerca do que o futuro do filho resguarda. Mesmo acreditando na postura controladora, há dúvida quanto ao sucesso dessa conduta, ou seja, constata-se que o controle pode, em algum momento, não ser tão eficaz.

Alguns dos casais (três) vêem as invenções tecnológicas como facilitadoras para o relacionamento familiar, ao passo que dois dos casais entrevistados apontam para a desvantagem que elas podem trazer.

Hintz (2007) analisa que a inserção de tecnologias pode ser utilizada como um instrumento facilitador de qualidade de vida e do relacionamento entre pais e filhos. Contudo, os mesmos instrumentos podem causar algumas dificuldades ao relacionamento familiar. O nível de exposição pessoal, os riscos, a privacidade e a intimidade da família, devido à utilização de recursos que tomam tempo, excluem outros modos de socialização, o que pode gerar um distanciamento entre os membros da família.

Os fragmentos das entrevistas, a seguir, referem-se às visões do mesmo casal. Enquanto Juliana fala das vantagens que os instrumentos tecnológicos trazem à vida familiar, Leonardo ressalta as dificuldades.

“Antigamente não existia celular. Hoje em dia o celular é uma facilidade... filha tá tudo bem? Tá. Ai!... ainda bem... tá tudo bem... mais uma hora de tranquilidade... depois de uma hora, ligo e pergunto de novo...” (Juliana, C5)

“Eu não agüento ver ele o dia inteiro no computador. Eu falo: vai pedalar, andar de bicicleta, vai fazer alguma coisa. Na minha época não tinha isso. Eu acho que era muito mais saudável. Eu fico agoniado quando ele fica o sábado inteiro no computador. E às vezes tem muita besteira. O computador invade a sua casa.” (Leonardo, C5)

Juntamente ao diálogo, instrumentos como o celular e a internet são adotados e valorizados, pois promovem o controle e a segurança em um mundo caracterizado como descontrolado e instável. Ao mesmo tempo em que as vantagens são reconhecidas, as desvantagens designam as características

da contemporaneidade e aparecem inseridas no contexto das comparações entre as gerações.

O sentimento de invasão, descrito acima por Leonardo, caracteriza tanto a diferença entre as gerações que são, de fato, invadidas por tamanhos avanços tecnológicos, quanto corrobora a literatura que aponta as possíveis dificuldades entre os membros da família.

Todos os casais entrevistados mencionam a amizade entre pais e filhos, propiciada pelo diálogo. Este é tanto um recurso necessário para essa relação, como um modo de controle.

Segundo as autoras que abordam esse tema (Marafon, 2005; Salles, 2005), as características do mundo contemporâneo, tais como a fluidez, as mudanças aceleradas e a valorização da juventude, resultam na perda dos referenciais e nas mudanças do relacionamento entre pais e filhos. Para Salles (2005), os pais disfarçam as suas idades com o discurso de aproximação e amizade entre eles e seus filhos; em consequência disso, há a diminuição da autoridade e do controle paternos.

“A gente procura sempre dialogar. Isso é fundamental hoje em ser pai. Na nossa época, os pais eram pais e filhos e hoje em dia é trazer para pais-amigos. Só que é difícil essa abertura.” (Rubens, C3)

“Tem que tá perto, tem que conversar, tem que tá pertinho, olho no olho. Não dá para mandar recado, tem que tá bem junto. Não pode deixar muito solto também não, tem que chegar durinho também... eu chego durinho. Eu sou o maior amigo, mas quando eu falo, eles me respeitam.” (Leonardo, C5)

Ao mesmo tempo em que é necessário dar limites, os recursos utilizados pelos pais, para tal objetivo, transformam-se de acordo com as características valorizadas socialmente. Desse modo, podemos pensar, a partir das falas acima, que a amizade entre pais e filhos pode ter algumas leituras. A primeira diz respeito à adequação e adaptação de uma nova forma de relacionamento e de vinculação proposta pela sociedade contemporânea. A segunda refere-se ao culto à juventude. Os pais aproximam-se de tal forma de seus filhos que se

misturam com eles. Dessa forma, não entram em contato com a realidade do corpo que envelhece e do percurso do seu ciclo de vida. Isso evidencia o valor hegemônico que a juventude possui na sociedade contemporânea.

4) Tecnologia

No contexto da contemporaneidade, os avanços tecnológicos e, principalmente, a facilidade do seu acesso, assumem um papel significativo para a família com filhos adolescentes. Dentre os casais entrevistados, todos se referem ao tema de forma espontânea.

Quando nos referimos à tecnologia, as mudanças a que a literatura se refere não dizem respeito somente às mudanças tecnológicas, mas também à velocidade das mudanças econômicas e culturais do cotidiano, caracterizando o mundo atual como incerto, incontrolável e assustador (Bauman, 2004). O caráter fluido das relações, diante de uma grande velocidade de transformações, marca uma modificação que influencia também as relações familiares.

“Hoje eles têm muito mais informação... têm tudo e muito... computador de última geração... Na nossa época não tinha essa facilidade e essa fartura de entretenimento que tem hoje.” (Leonardo, C4)

“O fato da internet, da televisão, isso tudo difundiu a comunicação de uma tal maneira, né? Hoje você sabe o que tá acontecendo do outro lado do mundo, né? No nosso tempo não tinha isso... hoje em dia as coisas acontecem muito mais rápido.” (Hélio, C1)

“A internet também é perigosa... o orkut é uma exposição da vida... todo mundo sabe o que você faz, onde você vai no final de semana, para onde você viajou... Então, a tua vida tá ali.” (Carolina, C3)

“Se você deixar o menino na frente do computador o dia todo, ele vai começar a ter tiques, irritação, eu já li reportagens sobre isso. Se você fica muito tempo

na frente do computador, você não dorme direito, você demora a pegar no sono. Atrapalha a parte do equilíbrio emocional.” (Carolina, C3)

“O adolescente hoje tem muita informação e pouca atitude, pouco espírito de sobrevivência. Tudo tá na mão deles, ou seja, tudo está na frente do teclado. Então, eles acham que para tudo é só recorrer ao teclado e quando sai dessa situação eles ficam completamente perdidos... eu sei como é isso.. eu tenho estagiários dessa faixa e eu sei bem como é...deu pau no sistema, ninguém sabe fazer nada... tá todo mundo perdido e ninguém sabe fazer nada... perderam os braços... então, é uma coisa impressionante... e é a mesma coisa da vida normal dos adolescentes. Eles têm tudo certinho porque têm tudo na mão... se fugiu do roteiro, não sabem fazer nada... diferente da nossa época.. a gente tinha que criar... as nossas brincadeiras eram criadas, as nossas diversões.” (Gustavo, C6)

“Hoje em dia não tem elaboração, né? A gente lia a enciclopédia ou a gente ia a algum lugar visitar para fazer uma pesquisa e tal... mas você tinha que elaborar depois, sintetizar. E eles não fazem isso... vem tudo pronto da internet. Recorta e cola de um lado para o outro... o famoso copy e paste.” (Mariana, C6)

Para todos os casais entrevistados, esses aspectos aparecem como uma diferença muito importante entre as gerações. Para nós, fica claro que a tecnologia é vista por dois aspectos: um positivo e o outro negativo. A rapidez do acesso à informação e as facilidades tecnológicas assumem, na visão de cinco dos sete casais entrevistados, uma conotação positiva. Porém, a inserção tecnológica gera, também, críticas, já que, por meio dela, o relacionamento, a preocupação e a comunicação entre pais e filhos modificam-se.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia pode ser um instrumento que possibilita o conhecimento do mundo e a rapidez das informações, há também a dificuldade de conhecer quem está atrás da tela. Essa dificuldade produz, para os adolescentes, uma sensação e, para os seus pais, outra, que é a insegurança. A importância de saber com quem os adolescentes estão, quem

são os seus amigos e os pais dos mesmos, apresenta-se como uma dificuldade para o relacionamento entre pais e filhos e também para a tarefa de ser pai nos dias de hoje.

Isso nos leva a pensar que as grandes mudanças, trazidas pela contemporaneidade, assustam os pais e, como afirmam os autores que se referem aos sentimentos que a contemporaneidade produz nos sujeitos, traz também a sensação de descontrole e de confusão.

5) Consumo, violência e drogas

O aumento da violência, o consumo de bebida alcoólica e de drogas, a maior velocidade dos carros e a insegurança social são aspectos mencionados pelos pais como diferenças entre as gerações.

Como analisado no capítulo 1, no contexto da cidade do Rio de Janeiro, a situação social agravou-se nos últimos dez anos (Vianna, 2003). Esta afirmação evidencia-se no discurso de seis casais entrevistados e apresenta-se como um grande problema no momento atual do desenvolvimento dos filhos. A sensação de deriva se impõe na contemporaneidade. Os laços afetivos e os ideais sociais apresentam-se enfraquecidos, obrigando cada sujeito, individualmente, a criar seus próprios referenciais. Apesar da grande liberdade que essa condição produz, o preço a ser pago é o de uma grande insegurança.

“Eu acho que havia violência na minha época sim. Isso não é de agora, pode dizer que isso tá mais à flor da pele do que antes”. (Guilherme, C2)

“A diferença é que você vivia em uma cidade muito menos violenta. Não tinha a preocupação que nós temos, essa violência... é realmente totalmente diferente”. (Marcelo, C7)

“A segurança hoje é muito menor do que era, né? Carros muito mais velozes dão muito mais insegurança. A bebida também é muito mais liberada do que no nosso tempo. Quer dizer... então... isso preocupa muito mais do que no passado, né?”. (Hélio, C1)

“É muito diferente da minha adolescência. Eu andava na rua sozinho, de madrugada... não tem esse problema que tem hoje. As balas perdidas, roubo... na minha época era briga na mão. Então, é muito diferente de hoje em dia, muito diferente...” (Leonardo, C5)

Juntamente à sensação de confusão e de descontrole frente ao momento do ciclo de vida da família com adolescentes e tudo o que ele inclui, os pais mostram-se preocupados em relação às dificuldades sociais da cidade onde vivem e criam seus filhos.

Cinco casais referem-se ao acesso às drogas e ao uso delas, inclusive do álcool, como aspectos relacionados à violência. Contudo, para os pais, a droga não é vista somente atrelada às características do contexto contemporâneo, mas também dentro da especificidade da fase adolescente. A maior propagação e o maior acesso às drogas é, hoje em dia, um fato. Tanto nas escolas quanto nas festas, seja ela ilícita ou lícita, o seu uso e o seu acesso vêm aumentando.

“É na adolescência que acontece o sexo, é na adolescência que você experimenta as drogas, que você experimenta o álcool.” (Juliana, C5)

“Acho que a bebida, a maconha, tudo existe do mesmo jeito que existia antes, entendeu? Só que hoje, é o que eu tô te falando... o acesso é mais fácil... É muito mais... eu acho, na minha época não... não era assim tão fácil...” (Rubens, C3)

“Uma das minhas maiores preocupações está ligada a violência que é o vício... as más companhias e os adolescentes viciados. Isso estraga qualquer família, a família inteira.” (Leonardo, C5)

Mesmo sendo um fator preocupante para os pais da contemporaneidade, devido à maior facilidade de acesso às drogas, o uso e a sua existência são apontados pelos pais como semelhantes à sua geração.

6) Relações de gênero e sexualidade

As mudanças no papel desempenhado pelas mulheres no mundo atual e, sobretudo, as transformações relativas à sexualidade feminina são mencionadas como diferenças e citadas, exclusivamente, por três homens dos casais entrevistados.

Como afirma Roudinesco (2003), adventos como a pílula anticoncepcional e o movimento feminista são alguns fatores relacionados à emancipação feminina que desconstruem os referenciais considerados tradicionais e introduzem novos valores à sociedade.

“O que você (esposa) está querendo dizer que o fato da mulher hoje... assim... ter mais igualdade na relação do que no passado. A relação não era tão equilibrada, então a mulher questiona muito mais... tá certo... tá no direito dela. O homem tem muito o que mudar ainda, né? Parar com essa coisa de em casa o homem só ajuda...” (Hélio, C1)

“Acho que o que mudou muito, em relação à nossa época, foi o lado feminino. A mulherada de hoje. A minha filha de 16 anos, uma boa parte da sala dela namora modernamente, até o final... as meninas transam hoje em dia com um mês de namoro. Menos a minha filha...” (risos) (Rubens, C3)

É interessante notar que este aspecto foi elucidado pelos homens, os pais entrevistados. Isso nos leva a pensar que são os homens que sentem essa mudança de forma mais intensa do que as mulheres.

Apenas um dos pais entrevistados menciona a sexualidade da fase adolescente, estando atento para os aspectos emocionais que essa fase implica. Tal como abordada pela literatura, as dificuldades apresentadas nessa fase dizem respeito aos lutos elaborados pelos adolescentes, que envolvem aspectos corporais e emocionais, ou seja, em um momento em que a revivescência de sentimentos infantis estão presentes. Como afirma Dolto (2004), o tempo da adolescência é entrecortado por alegrias e sofrimentos repentinos.

Além de apontar a diferença entre as gerações, Rubens (C3) explicita a tensão que acredita sofrerem seus filhos, no transcorrer dessa fase.

“É mais tenso, a tensão é maior, a cobrança de namorar também. A cobrança de namorada é uma coisa! Eu na idade deles queria jogar bola, queria passear, dançar. Hoje tem uma cobrança muito grande em relação ao namoro por causa do orkut. Fulaninho namora sicraninho. Então, a cobrança é muito maior...”
(Rubens, C3)

Podemos pensar que o fato de os demais pais não terem apontado para a questão emocional seja relativo à negação do sofrimento dos adolescentes. Segundo Zorning (1999), os pais proíbem o sofrimento dos filhos. Tal proibição decorre do fato de os pais não saberem lidar com a frustração das expectativas que têm para os seus filhos e, também, por não saberem lidar com o sofrimento dos mesmos.

7) A família com adolescentes

Quatro dos casais parentais, entrevistados por nós, referem-se aos lutos e aos sentimentos que a família com adolescentes enfrenta, corroborando os achados de Knobel, Perestrelo e Uchoa (1981) e Carter e McGoldrick (1995). Knobel, Perestrelo e Uchoa afirmam que tanto os pais quanto os adolescentes partilham os lutos que essa fase impõe: o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e o luto pelos pais e pela relação da infância. Carter e McGoldrick (1995), por sua vez, assinalam que o ciclo de vida da família com adolescentes é um disparador de sentimentos de abandono e de perda, para a maioria das famílias. A transição da infância para a adolescência marca a perda da criança para a família. Não é somente o adolescente que deixa de sentir-se como criança para transformar-se em adulto e que sofre modificações, mas também a sua família que precisa relacionar-se com seus filhos de uma maneira diferente.

Os pais, acostumados a se relacionarem com o filho pequenino, possuindo um corpo e vontades de criança, deparam-se com desejos, necessidades e com outro corpo, um corpo crescido e com vontade própria.

Desse modo, a passagem por esta fase leva a família a adotar uma nova identidade, que consiste em mudanças externas e internas das diferentes relações do sistema, ou seja, da sua rede vincular. Concomitantemente a isso, na maioria das vezes, os pais estão vivenciando o envelhecimento de seus próprios pais. É também, nesse momento, que há uma reavaliação de projetos de vida nos campos pessoal, conjugal e profissional.

“Eu ando estranhando muito. Me sentindo cada vez mais (...) eu vou me sentindo é (...) desligada, coadjuvante nisso tudo. Desde que eles começaram a sair debaixo das minhas saias que foi um momento complicado e agora então, mais ainda...” (Maria, C1)

“A gente tem o mesmo sentimento dos nossos pais: ih... será que a gente tá ficando velhinho? Tamo ficando velhinhos. Eles estão começando a viver a vida deles. Enfim, é um momento em que todo o pai vai viver em um determinado momento, né?” (Hélio, C1)

“A gente foi muitas vezes à Disney... e agora eles não querem mais ir... agora você vê como é que é (...) Aquele que era o mundo mágico, a família, né? Constatar que eles cresceram, né? Então dá uma tristeza saber que não estão numa idade que (...) que a vida continua... é de doer, né? Eles estão crescendo.” (Rubens, C3)

Os fragmentos acima demonstram as vivências relativas ao processo do ciclo de vida da família com adolescentes, descrito pelos autores. O luto relaciona-se, sobretudo, à passagem dos filhos à fase adulta e a uma maior independência dos mesmos em relação aos pais. Além de terem que aprender a lidar com o crescimento dos filhos, a afirmação da chegada da idade, o envelhecimento e a finitude da vida são aspectos que permeiam esse momento descrito pelos casais entrevistados.

A fala de Maria (C1) ilustra, claramente, a dificuldade do processo de crescimento dos filhos e ressalta a independência dos mesmos como o momento mais difícil para ela nessa fase do ciclo de vida.

“Foi quando eles começaram a comandar a vida deles e eu fui percebendo que eu já não mandava, não comandava. Cada um já tinha a sua vontade, cada um fazia o que queria. Eu já não (...) quer dizer (...) saíam sozinhos e faziam tudo sozinhos. Enquanto eu comandava: vamos fazer natação! e todos eles faziam e quando todo mundo começou a não fazer o que eu queria ou que eu achava que eles deveriam fazer... e começaram a ter a vida deles, né? Isso foi muito difícil, muito difícil...” (Maria, C1)

Mesmo percebendo, no discurso de Maria, a dificuldade e o sofrimento do processo que o ciclo de vida da família com adolescentes traz, o controle está presente como um recurso que atenuaria o sofrimento, ou seja, que manteria como conhecido, controlado e previsível em um mundo com características contraditórias.

Ao mesmo tempo, a postura parental frente à “fase do ninho vazio” – etapa evolutiva familiar que se caracteriza pelo processo de independência progressiva do sujeito em relação à sua família de origem, sem rompimentos abruptos ou fugas reativas – pode referir-se também a uma particularidade da desorientação parental, frente às características do mundo contemporâneo. Os pais, desorientados, sentem o “ninho vazio” antes mesmo de os filhos saírem das suas casas para morarem fora. Eles sentem essa distância apenas por caminharem rumo à independência e terem, conseqüentemente, uma vida menos dependente de sua família de origem.

Alguns dos casais entrevistados (C1, C2, C3) referem-se ao sentimento de vazio, pertencente ao ciclo de vida da família com adolescentes. Tal como explicitada por Carter e McGoldrick (1995) e Kancyper (1999), esse processo culmina com a saída dos filhos do ambiente familiar e com a reelaboração das relações entre os demais membros da família, principalmente, entre os membros do casal.

“Você acordava no domingo, virava para mim e perguntava o que a gente vai fazer no domingo, nós dois e os três (filhos)? Quando eles acordavam, um dizia: vou à praia, o outro vou fazer aquilo e o outro eu vou fazer aquilo outro. E

a gente ficava um olhando para o outro com cara de tacho, pegava a cachorra e ia passear. Qual é o momento agora? A noite é sentar aqui nós dois com a cachorra e a gata.” (Maria, C1)

O ciclo de vida da família com adolescentes é, para Maria (C1), um disparador de sentimentos de perda, de abandono e também de retorno ao casal conjugal. Maria afirma que os moldes da família mudaram com a maior independência dos filhos e, assim, o casal encontra-se novamente em um novo momento de vida.

O processo do ciclo de vida da família desperta sentimentos fortes e intensos. Contudo, a família precisa reformular seus papéis, conferindo uma tarefa minuciosa ao jovem e a todos os seus membros. Em relação ao casal, a conjugalidade precisa ser reestruturada em novas bases, sendo esta mais uma tarefa do ciclo de vida da família com adolescentes.

O desejo de um possível retorno dos filhos ao núcleo familiar, com a futura chegada de netos, é apontado por dois dos casais entrevistados. Maria (C1) explicita este desejo.

“Um filho fica um pouco mais velho e aí começa a namorar. Daqui a pouco, tá casando, quer dizer, aí volta aquela relação a ser mais próxima... É o normal, aí vem neto, né?” (Maria, C1)

O desejo, a possibilidade e a expectativa de um retorno dos filhos ao núcleo familiar parecem aliviar esse momento de sofrimento e ressignificação para o casal parental. Parece-nos que, em um momento difícil, tal como o da experiência de crescimento dos filhos e dos lutos que ela implica, a esperança deste retorno ameniza o sofrimento.

8) Expectativas

A expectativa parental é muito importante na constituição subjetiva individual e é própria da constituição da filiação. Tal como afirma Kancyper: “a história do adolescente nasce antes de seu nascimento” (1999, p.85). É a

partir do desejo parental que o desejo individual pode formar-se. É também por meio do suporte parental e do investimento narcísico do mesmo que o sujeito torna-se capaz de constituir-se como tal. Aulagnier (1999) acrescenta que, a partir do investimento libidinal parental, o Eu pode existir, o que possibilita a construção de uma história singular. Para a autora, o Eu habita e investe em um corpo marcado pela história familiar.

Como a comparação entre as gerações permeia todas as entrevistas, esse tópico não foi diferente. As expectativas dos casais em relação a seus filhos fazem referência ao que seus pais esperavam deles quando adolescentes. Contudo, para todos os casais entrevistados, mesmo apresentando-as como iguais, percebemos que as expectativas em relação aos filhos apresentam-se de modo invertido. Enquanto os pais acreditam que os seus pais esperavam deles o casamento em primeiro lugar, a felicidade e a realização profissional, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, os pais dos adolescentes de hoje valorizam, em primeiro plano, a realização profissional, para em seguida, esperarem as demais.

“A mesma coisa... né? O que a gente que ver é eles se realizando profissionalmente, com certeza, fazendo o que gostam vão ser bons profissionais. Sempre procurei passar isso para eles, não pensar em dinheiro. Pensar em fazer o que gosta, fazendo o que gosta você vai fazer bem feito, vais ser um bom profissional e o dinheiro tende a vir, né? E no nível pessoal, encontrar, né? A pessoa... a cara-metade... entendeu? Fazer feliz...” (Hélio, C2)

“Eu quero que eles cresçam, se identifiquem com a profissão, sejam felizes na profissão que escolherem, com os parceiros que escolherem e com a gente também. A gente bem velhinhos com eles perto da gente. Eu acho que é isso que todos os pais querem, a felicidade deles e que a gente faça parte dessa felicidade também... né?” (Rubens, C3)

“Quero que ela seja feliz. A gente não faz cobrança, orienta. Eu espero que ela chegue em algum lugar, a alguma coisa que não a frustrate (...), porque o que eu quero é o seguinte, é ter um bom equilíbrio emocional. Se não for juíza, que ela

seja uma defensora (...), que ela seja uma boa advogada, que ela seja defensora... para a gente tá ótimo...” (Marcelo, C7)

Fica nítido, no discurso do casal parental, que a história da família se propaga nas gerações seguintes. A marca da história familiar se faz presente nas expectativas dos pais para o futuro dos seus filhos. Essa marca parece-nos ser tão significativa que os pais não percebem a inversão, feita por eles, entre o que acham que os seus pais esperavam deles e o que eles esperam de seus filhos. Podemos pensar que esta marca familiar, própria da constituição subjetiva e indispensável à vida dos sujeitos, surge nitidamente. Contudo, podemos pensar que este fato também pode ocorrer devido aos pais, com filhos adolescentes, ainda estarem no processo de distanciamento da infância de seus filhos. Desse modo, separar e dissociar a história parental da história individual do filho torna-se uma tarefa ainda mais difícil. Tal como afirma Sarti (2004), o adolescente ocupa um lugar para os adultos, sendo o objeto de expectativas dos pais, ao mesmo tempo em que possui um rumo de vida traçado previamente por eles.

Quando perguntados sobre o que os pais dos adolescentes acham que seus pais esperavam deles, alguns dos casais hesitaram em responder, apresentando dificuldade de pensar sobre o fato. Os casais C1 e C5 dizem que não conseguem imaginar tal resposta e, somente depois de refletirem um pouco, respondem.

“Nunca perguntei para a minha mãe o que ela esperava de mim... você quer que eu ligue para ela e pergunte?” (risos) (Juliana, C5)

“Nunca pensei sobre isso... mas a gente vai falando e vai lembrando, né?” (Maria, C1)

Essa dificuldade de reportar-se ao que os seus pais esperavam deles leva-nos a pensar no distanciamento entre pais e filhos, referido pela maioria dos casais nos seus tempos de criação. Diferentemente dos dias atuais, nos quais há, na relação entre pais e filhos, a valorização da igualdade e da

amizade, nos chamados tempos tradicionais, esta relação era baseada no respeito e na hierarquia, ou seja, em certo distanciamento e rigidez.

O casamento e a felicidade aparecem, na visão dos pais dos pais dos adolescentes, como as principais expectativas de seus próprios pais, tal como ilustram as falas de Mariana, Hélio e Fernanda.

“Meus pais esperavam que eu e minha irmã nos casássemos, que constituíssemos família, que tivéssemos uma vida normal, com sucesso profissional.” (Mariana, C6)

“O que a gente acabou realizando, né? Tentar casar com uma pessoa que fosse, né? Com o mesmo nível e escolaridade, de educação, social... Quer dizer, trabalho. Qual era o sonho de qualquer pai? Ver a pessoa estudando, né? Concretizar aquela expectativa profissional, é uma coisa assim... o tradicional. Não desviou, em nenhum momento da rota que eles traçaram... dentro da cabeça deles mesmos...” (Hélio, C1)

Minha mãe esperava que eu casasse com um italiano, que eu fosse uma boa dona de casa. Claro que quando eu fiz o vestibular ela ficou muito feliz. Para o meu pai eu nem falei, porque o meu pai achava que era um absurdo uma mulher fazer faculade, né? Ainda tinha esse tabu. A moça era feita para casar e não para estudar. (Fernanda, C7)

Em nossa análise, as expectativas parentais dos pais dos pais dos adolescentes estão atreladas ao casamento. A felicidade está, em primeiro plano, relacionada à formação da família e ao encontro do amor, em segundo plano, surge o trabalho.

O mercado de trabalho é citado por todos os casais entrevistados. Esse item é descrito tanto como uma diferença geracional quanto como uma das expectativas contemporâneas frente ao futuro dos filhos. O alto nível de exigência e as cobranças dos pais e da sociedade contemporânea, referentes à profissionalização dos jovens, são apontados por todos os casais.

Corroborando as idéias de Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006), as falas ilustram que exigências individuais e profissionais, valorizadas pela sociedade contemporânea, trazem ressonâncias para o convívio familiar.

“Hoje eu acho que você tem que estudar muito porque tem muita gente preparada em bons colégios e eu acho que se a pessoa puder proporcionar melhores colégios para o seu filho, tem que proporcionar sim. A concorrência é muito grande...” (Fernanda, C7)

“O jovem hoje é mais bem preparado, né? Para enfrentar um desafio muito maior porque o mercado de trabalho tá mais competitivo, né? A globalização exige que o profissional tenha inglês. No meu tempo o inglês era um upgrade, né? Hoje não... você precisa de um segundo idioma, um MBA. Isso tem que fazer.” (Hélio, C1)

Para os pais entrevistados, o mercado de trabalho é um assunto muito importante. A preparação dos filhos para o mercado de trabalho competitivo soa, em nossa análise, como um valor percebido, a ser transmitido somente no contexto atual – o contemporâneo. A situação profissional, o mercado de trabalho e as realizações profissionais são itens sobre os quais os pais falam exaustivamente, o que reforça a grande importância deste aspecto, na visão dos pais, hoje em dia. Mesmo os pais dos pais transmitindo o valor do trabalho, percebe-se, na fala dos entrevistados, a mudança na cobrança e na exigência se compararmos o que os pais dos pais dos adolescentes esperavam deles e o que os pais dos adolescentes esperam de seus filhos hoje em dia.

Fernanda (C7) confirma, de forma significativa, a importância do trabalho para as expectativas dos casais com filhos adolescentes, na contemporaneidade.

“Eu penso muito nisso para a minha filha. Não dependa de namorado, não dependa de marido, não dependa de ninguém. Case com a sua profissão e depois você arranja uma pessoa que você ama. Veja se é aquela pessoa que você quer e depois pense em casamento e aí, só depois, em filhos”. (Fernanda, C7)

A fala, explicitada acima, equipara a relação de um casamento com a profissão, assumindo, assim, a importante valorização da profissão para esta família. Acreditamos que essa visão é cada vez mais comum nos dias atuais. Em função das grandes exigências profissionais e das características contemporâneas, tais como o consumismo, a competitividade e o individualismo, os pais desejam que seus filhos coloquem, em primeiro plano, a carreira profissional.

Segundo Roudinesco (2003), o desejo dos pais de que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles está na base da identificação parental. Quando nos referimos à família com adolescentes, as expectativas são aspectos fundamentais, pois crescer significa revitalizar as referências familiares, desnaturalizando-as. Esse processo permite a singularização frente aos modelos parentais, o que envolve aspectos subjetivos e familiares, ou seja, é uma trama complexa de relações e desejos que promovem expectativas nem sempre atendidas e/ou superadas.

Os pais que relatam terem vindo de famílias pobres dizem que seus pais esperavam deles ou uma radical mudança em suas vidas, para que não repetissem as dificuldades por que passaram, ou a continuação e perpetuação do modo de vida da família de origem. Guilherme (C2) e Leonardo (C5) afirmam que seus pais esperavam, para suas vidas, um futuro totalmente diferente do que eles tiveram.

“Meu pai queria que eu me formasse, né? Ele veio da Bahia, foi para a Marinha e foi para a Guerra. Ele estudou depois de tudo isso, só terminou o primário porque fez supletivo. Ele queria que a gente fizesse o curso superior. Ele queria que eu fosse engenheiro.” (Guilherme, C2)

“A história do meu pai é muito bonita... porque ele veio de Minas muito cedo, semi-analfabeto e ele tinha um sonho. A vida dele foi toda isso, né? Até fico triste de falar dessa história do meu pai. Ele conseguiu o que ele queria, formar os filhos para que a gente conseguisse alguma coisa.” (Leonardo, C5)

Nessa mesma linha de pensamento, Rafael (C4) e Gustavo (C6) dizem que, mesmo tendo uma infância difícil, acham que seus pais esperavam que eles dessem continuidade ao seu esforço de construção da vida familiar.

“Ah... ele esperava uma sucessão (no comércio da família). Que eu ficasse por lá pela Bahia tocando as coisas, cuidando das coisas que ele tinha. Poderia ter vindo para cá, mas não assim tão rápido, aos 13 anos (...) assim que ele morreu. Eu vim primeiro, depois minha mãe e acabou vindo todo mundo.”
(Rafael, C4)

“Ele esperava que eu casasse, que constituísse família e tivesse sucesso profissional, mas nada muito grande, porque meus pais vieram lá de baixo mesmo, deram um duro danado para conseguir as coisas. Ele esperava que eu desse continuidade ao esforço que ele teve... e isso eu fiz...” (Gustavo, C6)

Nos exemplos acima, fica nítida a afirmação das expectativas parentais. Elas indicam que o desejo dos pais é que os filhos sejam, ao mesmo tempo, idênticos e diferentes deles. Tanto as expectativas dos pais de Guilherme e Leonardo, em terem uma vida totalmente diferente da que os seus pais tiveram, quanto dos pais de Rafael e Gustavo, em darem continuidade à vida de seus pais, apresentam-se, para nós, como uma missão familiar. Esta missão parece-nos muito forte e legítima a literatura que aborda este tema. Como vimos no capítulo anterior, ao mesmo tempo em que as expectativas são fundamentais, elas podem tornar-se um foco de dificuldades entre pais e filhos. Essa dificuldade do relacionamento entre pais e filhos não aparece em nossos dados, porém constatamos que há um sofrimento e um dever transmitido entre as gerações.

Os pais que tiveram uma vida, segundo eles, difícil e sofrida, esperam que os filhos se tornem independentes para que, assim, eles possam aproveitar algum tempo sem as preocupações que os filhos demandam. Como descrito por Bauman (2004), sentir-se livre da responsabilidade dos filhos é um sentimento dos pais do mundo pós-moderno. Os mesmos pais, que se sentem “adolescentificados” e que valorizam a juventude tal como a sociedade pós-

moderna, desejam aproveitar o tempo que lhes resta antes do retorno à família, como é o caso da velhice.

“Eu acho que uma parte da minha vida foi totalmente dedicado para elas (filhas), mas eu acho que tem que ter um limite. Ficar com esse negócio de segurar a vida delas até os 30 anos, depois pouco tempo me resta. Eu não sei se eu quero morar aqui no Rio de Janeiro. Acho que chegou um momento que eu posso querer sair daqui e não posso deixar de tomar a minha decisão em função delas, entendeu? Mas isso vai inibir a minha vontade. Se eu quiser morar em outro lugar no país, não vou poder porque eu tenho filhas que eu não posso deixar sozinhas (...) Isso é meio complicado. Eu queria que elas estivessem preparadas para encarar a vida delas normalmente. Tirar de casa eu não vou tirar, mas eu queria ter a minha vida.”(Gustavo, C6)

“A gente está para apoiar, para dar apoio, procurar escutar, ensinar, mas a vida é dele. Então, a responsabilidade tem que estar presente na criação, para que a coisa fique mais leve para a gente, porque a gente não tem que ficar responsável pelo filho pela vida inteira. É muito pesado para quem teve a vida como eu tive... de começar cedo, perder o pai cedo e fica a vida toda com essa carga... Então, daqui a mais uns anos, eu quero passear um pouquinho, passear, né?” (Rafael, C4)

Os pais dos casais C2, C4, C5 e C6, pelo fato de terem iniciado as responsabilidades desde muito cedo, esperam dos seus filhos a possibilidade de aproveitar o tempo que lhes resta da vida sem a intensa preocupação de ter os filhos dependentes por muito tempo. Diferentemente da literatura revisada, que afirma que os pais desejam o prolongamento da adolescência de seus filhos e a permanência destes na casa de seus pais, os pais entrevistados apontam que o apoio e a presença parentais são apenas passageiros e não devem perdurar por muito tempo.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que há a dificuldade dos pais dos adolescentes, devido aos entraves sociais e emocionais para impulsionarem seus filhos em direção à vida adulta, esses pais parecem reatualizar e ressignificar as suas histórias a partir das expectativas de seus pais. Isso

corroborar a idéia de Sampaio (2004), que considera as diferenças entre as gerações como um traço essencial da família “saudável”, sendo necessário haver opiniões diferentes e confronto de idéias.

5

Considerações finais

A partir do trabalho clínico com adolescentes e suas famílias, questões acerca da visão dos pais sobre a adolescência dos filhos no mundo contemporâneo se impuseram a mim. As dificuldades, os conflitos, o sentimento de deriva e a desorientação familiar, durante a fase adolescente dos filhos, chamaram minha atenção. As comparações entre as gerações faziam parte das queixas das famílias, que procuravam atendimentos psicológicos para elas e também para seus filhos. Expressões como “não sei o que fazer... hoje é tudo muito diferente do meu tempo...” foram as questões deflagradoras que deram origem a este trabalho, pois eu percebia que o tempo histórico e os sentimentos da adolescência e da família eram mencionados pelos pais dos atuais adolescentes. Eles demonstravam não saber o que fazer, nem como educar seus filhos no contexto contemporâneo, o que ressoava, em mim, questionamentos sobre o que os pais pensavam, esperavam, queriam e como se relacionavam com seus filhos hoje em dia, se tudo está tão diferente de seu tempo.

Desse modo, no contexto de uma grande cidade como o Rio de Janeiro, em um mundo que se transforma cada vez mais rápido, o principal objetivo desta dissertação foi investigar a família com adolescentes, focalizando a percepção dos pais sobre a adolescência dos filhos no mundo contemporâneo, abordando a vivência dos pais em suas próprias adolescências e buscando as ressonâncias entre as gerações.

Através da revisão bibliográfica, tentamos entender e analisar o percurso sócio-histórico e emocional da família com adolescentes. Com o intuito de analisar tais questões, comparamos, em toda a dissertação, dois modelos: o chamado tradicional (no qual os pais dos adolescentes foram criados) e o contemporâneo (modelo em que os pais de hoje em dia criam seus filhos).

Percorremos a constituição do conceito de família desde o século XV até o início do século XX. Constatamos que ela se altera paulatinamente e que nasce juntamente com outras noções, como infância e adolescência. Vimos que outros fatores, como a industrialização, a urbanização e as revoluções, o advento da pílula anticoncepcional e o movimento feminista, são alguns fatos que, em meados do século XX, também contribuem para a desconstrução de referenciais estáveis até aquele momento e para uma tendência à organização mais individualista da família. Assim, o sentimento de família surge e se fixa na sociedade, sendo fundamental como referência emocional para a educação e para os cuidados com os filhos.

Roudinesco (2003) relaciona os eventos históricos descritos acima à modernidade e afirma que dissociações, como a do desejo sexual e da procriação, foram uma mudança conquistada, que impulsionou as transformações contemporâneas que vivenciamos hoje. Os papéis bem definidos das sociedades tradicionais – como os de marido, mulher, família e filho, delineados por valores e crenças tradicionais durante muitos séculos – foram repensados. As relações e os vínculos familiares, conjugais, fraternos e as posições hierárquicas entre os membros da família passaram por uma reavaliação e desencadearam mudanças na vida cotidiana.

Percebemos, nas entrevistas realizadas, que as famílias dos adolescentes confrontam-se com diferenças geracionais. Os pais, educados, de modo geral, sob modelos mais rígidos, que possuíam pouco espaço para emitir opiniões, deparam-se agora com uma geração jovem, habituada a discutir e a exigir sem medo. Diante de uma geração contestadora, os pais precisam reavaliar a educação de seus filhos e se relacionar com eles de uma maneira diferente.

Como avaliado em nossa análise, em consonância com esta transformação, os pais (homens) dos adolescentes, diferentemente de seus pais e do modelo tradicional, dividem, com as mães, a tarefa de educar e de falarem a respeito dos seus filhos.

As mudanças marcam cada época, cada momento da história, cada geração e, hoje, temos uma visão de família que contém algumas

heranças dos séculos passados. Pode-se, porém, notar que foram incorporadas a elas, outras características. Entendemos a família como um sistema de relações aberto. Os vínculos e as relações são as bases do entendimento desse conceito, pois é a família que introduz o indivíduo no campo das relações e dos vínculos – aspectos fundamentais para o desenvolvimento subjetivo. Somado a isso, ela estrutura-se pelos valores da sociedade na qual se insere e caracteriza-se por um fluxo contínuo de trocas, refletindo as constantes transformações em suas interações.

Quando nos referimos à contemporaneidade, notamos que ela apresenta para nós, sujeitos que vivemos nela, inúmeras interpretações diante de novas situações. As expectativas, frente às novas configurações familiares, e os novos sentimentos, frente a uma diferente maneira de viver, são impostos pelas mudanças contemporâneas. Os sentimentos, as mudanças subjetivas, novas formas de relação e vinculação, que delas se criam, fazem-se presentes hoje e também pertencem ao objeto deste estudo.

Como abordamos em nosso estudo, a família com adolescentes e as particularidades que esta fase do ciclo de vida impõe são peculiares. Não é apenas o adolescente que vivencia as transformações dessa fase do ciclo de vida, mas todos os membros que estão envolvidos. Ao mesmo tempo em que o adolescente precisa acostumar-se ao novo corpo, transformado pela chegada à fase adulta, a família precisa fazer o luto do antigo bebê. As relações familiares precisam adaptar-se aos novos vínculos entre pais e filhos, agora não mais tão assimétricos. Essa assimetria é um aspecto mencionado pelos pais com filhos adolescentes. O equilíbrio dela apresenta-se como a maior dificuldade. A autoridade parental e os limites necessários surgem como uma característica dessa assimetria e, ao mesmo tempo, como uma dificuldade contemporânea para pais e filhos.

O ciclo de vida da família com adolescentes inclui as gerações, não só os membros que convivem, mas também os introjetados nas figuras parentais. Nesse sentido, a família se constitui em um espaço onde se estabelecem vínculos fundamentais, tradições, crenças e costumes, que falam de um imaginário comum e que formam as missões, os legados, os

pactos, as heranças e as expectativas, transmitidos de uma geração à outra. Além disso, como afirma Carter e McGoldrick (1995), a compreensão da noção de família baseia-se no modelo da experiência individual e também, no multicontextual. Nesse sentido, a família e seu contexto são, em nossa percepção, inseparáveis. Privilegiamos a vida familiar, composta por seus membros e suas próprias histórias, o contexto multigeracional e também o sociocultural.

A importância da valorização das características contemporâneas é nítida. O culto à juventude é um dos aspectos que aparecem na fala dos entrevistados e na literatura, quando nos referimos aos adolescentes e suas famílias. Os sentimentos de desorientação, deriva e confusão aparecem na fala dos pais entrevistados e estão relacionados às características do mundo atual. Muitas mudanças apresentam-se na fala dos pais: o fácil acesso tecnológico, as diferenças e exigências do mercado de trabalho são alguns dos aspectos mobilizadores para as famílias com adolescentes. Para nós, essas diferenças geracionais, produzem sentimentos que propiciam a ambiguidade do comportamento parental.

A contradição de sentimentos aparece no discurso dos pais, o que nos faz pensar que esta é uma característica dos pais da contemporaneidade. Frente a um mundo onde os valores alteram-se com muita rapidez, os pais com filhos adolescentes parecem estar entre o que deve ser feito e o que desejariam fazer, ou seja, entre as obrigações e as expectativas. É entre dois pólos contrários que os pais parecem estar: o conhecido e o desconhecido, ou seja, o tradicional e o contemporâneo. Ao mesmo tempo em que os pais não se ligam diretamente ao tradicional, ao já conhecido, pois não é mais possível educarem e se relacionarem com seus filhos desta forma, eles não possuem uma sólida referência quanto à nova e contemporânea maneira de se relacionarem e de educarem os seus filhos atualmente. Deste modo, essa interseção apresenta-se como uma dificuldade para pais e filhos, ou seja, para o encontro das gerações, imprescindível a todas as relações familiares. Somando-se a essa postura ambígua, outro dado analisado soma-se a esta interpretação: ao mesmo tempo em que os pais desejam transmitir

autoridade e serem respeitados, emitem, concomitantemente, mensagens contraditórias, pois desejam a amizade e a igualdade entre pais e filhos, confundindo para ambos, a hierarquia familiar.

Acreditamos que o contexto contemporâneo vem influenciando e modificando as relações entre pais e filhos, trazendo novos desafios a todos que lidam com os adolescentes e suas famílias. Nesse sentido, a contribuição desse trabalho consiste em um possível entendimento dos novos modos de vinculação e das novas relações, que a contemporaneidade implica .

Nessa linha de pensamento, as palavras confronto, desencontro e encontro entre gerações se fazem presentes. Na interseção entre o conhecido e o desconhecido e nas dificuldades que esse espaços podem suscitar, que sentimento, de fato, é mobilizado? Podemos pensar que o desencontro pode ser próprio do encontro das gerações, pois é no encontro que os desencontros acontecem. Todos os membros da família com adolescentes sofrem mudanças, fundamentais para a constituição da história singular de cada sujeito como tal. Assim, ao mesmo tempo em que as gerações desencontram-se, elas encontram-se também. É através desse movimento que elas podem reavaliar e ressignificar suas histórias e geram mudanças para as gerações.

O adolescente e a sociedade, com todas as suas peculiaridades, estão intimamente relacionados. Considerado como um produto da contemporaneidade, o adolescente, com pensamentos inovadores e sua atitude enfrentadora, se lança a novas aventuras e desperta, nas demais gerações, sentimentos de inveja e de supervalorização. A sociedade contemporânea enaltece a juventude e deposita, nessa geração, a crença de que permanecer nela é o ideal.

Nesse sentido, o modelo dos pais dos adolescentes - chamado tradicional – aparece como diferente, se não oposto. O modelo no qual a liberdade fora cerceada, no qual as relações entre pais e filhos eram distantes e problemáticas, contrapõe-se ao modelo contemporâneo e, juntamente a isso, a todas as intensas características sociais que atravessam tanto as relações como o modo de vida dos sujeitos que vivem nela. Notamos, a partir dessa observação e do discurso dos pais

que mobilizou as questões para este trabalho, que o confronto entre as gerações é muito recorrente. Contudo, como aponta Kancyper (1999), a confrontação está intimamente ligada à idéia de criatividade. Nesse sentido, ela não se refere à provocação ou a um aspecto negativo, mas está ligada à liberdade. Segundo o autor, “o exercício da liberdade, da criatividade e da confrontação requer um constante processo de liberação das amarras do inconsciente e dos obstáculos que lhe põe o meio ambiente” (1999, p. 111). Kancyper (1999) acrescenta que não existe criação nem confrontação sem riscos. Assim, o adolescente, como criador, tem direito à divergência, à possibilidade de estar junto a outros e pensar diferente, agregando, desse modo, as particularidades da fase adolescente e também do ciclo de vida da família.

Percebemos através das respostas dadas pelas famílias com filhos adolescentes que a preocupação de ter filhos nessa fase é muito grande. Há, com frequência, pedidos de ajuda especializada, na tentativa de resolução de crises familiares ou adolescentes. O sofrimento peculiar do ciclo de vida, que ultrapassa esta fase, une-se às características de um grande centro urbano como o Rio de Janeiro. Essas preocupações incluem o acesso às drogas, a vida noturna, as amizades, a violência da cidade, a falta de segurança, dentre outras. Nesse cenário, frente a tais dificuldades, escapa das mãos dos pais a possibilidade de controle. Dessa forma, parece-nos que algum tipo de controle precisa aparecer para amenizar a falta dele no contexto atual. Lidar com a imprevisibilidade, com o caráter fluido das relações e da sociedade faz com que o diálogo, valorizado por todos os pais entrevistados como uma diferença geracional importante, transforme-se em uma ferramenta de controle fundamental na relação entre pais e filhos.

O mundo contemporâneo, assume, para as famílias com adolescentes, características diferentes das conhecidas por eles e transformam-se em características assustadoras. Assim, os valores familiares são, para as famílias com filhos adolescentes, fundamentais para assegurar a perpetuação das crenças e dos legados familiares. É, somente a partir dos valores transmitidos pelos seus pais, que os pais dos adolescentes de hoje tranquilizam-se e acreditam no crescimento

saudável de seus filhos. A crença na transmissão dos valores recebidos pelas suas famílias de origem é a ferramenta que auxilia a difícil, assustadora e, ao mesmo tempo, prazerosa tarefa de educar e se relacionar com os adolescentes da contemporaneidade.

5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. y colaboradores. (1966). **Adolescência**. Buenos Aires: Kargieman.

ABERASTURY, A.; Knobel, M.; **Adolescência normal**. (1981). Porto Alegre: Artes médicas.

ARIÈS, P. (1978). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1991). Introdução. In: Aries, P. & Chartier, R. (orgs). **História da vida privada vol III**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1981). A família e a cidade (13-23). In: VELHO, G.; FIGUEIRA, S. A. **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus.

AULAGNIER, P.; (1999). Nascimento de um corpo, origem de uma história. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. Vol. 2, n. 3.

BAUMAN, Z. (2004). **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BENICÁ, C, R, S.; GOMES, W, B. (1998). **Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações**. Estudos de psicologia v. 3 n. 2 p.177-205.

BERENSTEIN, I. e PUGET, J. (1994). **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BIRMAN, J. (2003). **Mal estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2006). Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M, R. **Adolescentes**. Rio de Janeiro: Escuta, 2006. p. 25-43.

BLOS, P. (1998). **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

CASTILHO, T. (2003). **Família e relacionamento de gerações**. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações SESC/São Paulo. Outubro/2003. Referência eletrônica: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/94.rtf>> Acesso em maio de 2006.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (1995). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CECCARELLI, P. R. (2007). As bases imaginárias da família. In: Féres-Carneiro, T. (org.) **Família e casal**: saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 311-322.

COATES, V. (1997). Transformações na família no transcorrer da adolescência dos filhos. **Adolescência Latinoamericana**, abr-jun, vol. 1, n. 1, ISSN 1414-7130. p. 40-46.

COSTA, J. F.; (2004a). **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. (2004b). **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Gramond.

CORRÊA, A, I, G.; (2000). O adolescente e seus pais. In: **Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões, Tomo III**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. p. 125-132.

Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulette. (1958). Rio de Janeiro: Ed. Delta.

DOLTO, F. (2004). **A causa dos adolescentes**. São Paulo: Ideias & letras.

EIGUER, A. (1985). **Um divã para a família**: do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.

FÉRES-CARNEIRO, T. MAGALHÃES, A. S. (2005). **Conjugalidade dos pais**: possíveis influências no projeto de casamento dos filhos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e Casal**: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p.111-121.

FÉRES-CARNEIRO, T.; HENRIQUES, C, R.; MAGALHÃES, A, S. (2006). Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, 16 (35), p. 327-336.

FERREIRA, A. B. H. (1999). **Aurélio século XXI (Eletrônico)**: o dicionário da língua portuguesa / 3ª ed. Rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GIDDENS, A. (1991). **Em defesa da sociologia**. São Paulo: Unesp.

GROSSMAN, E. (1998). A adolescência através dos tempos. **Adolescencia Latinoamericana**. jul./set., vol.1, no.2, ISSN 1414-7130, p.68-74.

HENRIQUES, C. R., JABLONSKI, B., FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 2, p. 195-205.

HINTZ, H. C. (2007). Espaço relacional na família atual. In: CERVENY, C, M, O. **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 155-172.

HOUAISS, A. (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Eletrônico)** / 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia.

JABLONSKI, B. (1991). **Até que a vida nos separe**. Rio de Janeiro: Agir.

JULIEN, P. (2000). **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

KANCYPER. L. (1999). **Confrontação de gerações**: estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do psicólogo.

KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M.; UCHOA. (1981). **A adolescência na família atual**: visão psicanalítica. Rio de Janeiro: Atheneu.

LEVI, G.; SCHIMITT, J. C. (orgs). (1996). **História dos Jovens 1**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (orgs), (1996). **História dos Jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras.

LINS, M, J, S, C.; (2000). Adolescência prolongada: característica da pós-modernidade? In: **Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões, Tomo III**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. p. 187-194.

MARAFFON, G. (2005). **Por uma "lição de amor" na adolescência**: função paterna e educação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE 2, São Paulo. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200044&script=sci_arttext>. Acesso em: maio de 2006.

MORÉ, L, O, O.; QUEIRÓZ, A, H. (2007). Migração, movimento e transformação: irrupção do novo nas relações familiares. In: CERVENY, C, M, O. **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 121-139.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. (2004). A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**. Print ISSN 1413-8123 Ciênc. saúde coletiva vol.9 no.1 Rio de Janeiro.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (2007). O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 20, p. 65-73.

PALMEIRA, C; MAYERHOFFER, E; MARIZ, N; CARDOSO, M. R. (2006). Desamparo e melancolia na adolescência contemporânea. In: CARDOSO, M, R. (org.) **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, p. 57-168.

PINHEIRO, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In: **Adolescência: reflexões Psicanalíticas**. CARDOSO, M, R. (org.), Rio de Janeiro: NAU editora: FAPERJ. p. 69-79.

PUGET, J. BERENSTEIN, I. (1993). **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas.

ROCHA-COUTINHO, M, L. (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: BARROS, M, L. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 91-106.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: FÉRES-CARNEIRO T. (org.) **Família e casal: saúde trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 157-180.

ROUDINESCO, E. (2003). **Família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

RUFFINO (2006). Mundo moderno e cena juvenil. In: **Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005, São Paulo (SP). Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200070&lng=en&nrm=iso>. Acesso em jun. 2006.

SAGGESE, E. (2000). Adolescência e modernidade. In: **Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões, Tomo III**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. p. 253-259.

SAGGESE, E. (2001). **Adolescência e Psicose**: transformações sociais e desafios da clínica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

SARTI, C. (1999). Família e Jovens: no horizonte das ações. **Revista Brasileira de educação**. Maio – ago. n 11.

SARTI, C. (2004). **A família como ordem simbólica**. Psicologia. USP vol 15 n. 3.

SAMPAIO, D. (2004). **Inventem-se novos pais**: construindo uma relação mais sólida e confiável entre pais e filhos. São Paulo: Editora Gente.

SALLES, L, M, F.; (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de psicologia**. Campinas, v.22, n.1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jun. 2006.

SILVEIRA, P. G. e WAGNER, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de Psicologia**. vol.23, no.4, p.441-453. Referência eletrônica: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S0103166X2006000400012&script=sci_arttext&lng=pt>. Acesso em set. de 2007.

VELHO, G. (1987). Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A. M; CARNEIRO, M. J; PAULA, S. G. (orgs). **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo UFRJ.

VENTURI, C. BARBOSA, M. PINHEIRO, T. (2006). Vergonha e adolescência (109-122). In: Cardoso, M. R. **Adolescentes**. Escuta.

VIANNA, H. (2003). **Galeras Cariocas: território de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

WAGNER, A. (2005). Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio. p. 33-49.

WINNICOTT, D.W. (1975). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1982). **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC.

_____. (2005). **A família e o desenvolvimento individual**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZORNING. S. A. (1999). Adolescente e modernidade. In: Doyle, I. **Cadernos do tempo psicanalítico** – Sociedade de Psicanálise. Rio de Janeiro, n. 4. p. 143-149.

7

Anexo

7.1

Roteiro da entrevista

- Nomes dos membros do casal

- Idades

- Nome e idade dos filhos

1 – Como vocês estão vivenciando o momento atual do desenvolvimento dos filhos de vocês?

2 – Como vocês vivenciaram esse período na vida de vocês?

3 – Quais as semelhanças e as diferenças entre a vivência desse período de vida dos seus filhos e da época de vocês?

4 – Como vocês acham que os pais de vocês vivenciaram esse momento?

5 – O que os pais de vocês esperavam de vocês?

6 – E o que vocês esperam dos filhos de vocês?

7 – Como vocês descrevem a adolescência hoje em dia?